

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

TANYA RIBEIRO SCHAUKOSKI

O ENSINO DA ARTE EM DIÁLOGO COM O OLHAR DE MÃES DA E.M.E.F
PREFEITO MÁRIO GOMES COLARES – JACINTO MACHADO/SC

CRICIÚMA - SC
2014

TANYA RIBEIRO SCHAUKOSKI

**O ENSINO DA ARTE EM DIÁLOGO COM O OLHAR DE MÃES DA E.M.E.F
PREFEITO MÁRIO GOMES COLARES – JACINTO MACHADO/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. MSc. Marcelo Feldhaus

CRICIÚMA - SC

2014

TANYA RIBEIRO SCHAUKOSKI

**O ENSINO DA ARTE EM DIÁLOGO COM O OLHAR DE MÃES DA E.M.E.F
PREFEITO MÁRIO GOMES COLARES – JACINTO MACHADO/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 24 de novembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSc. Marcelo Feldhaus (UNESC) - Orientador

Prof. MSc. Aurélia Regina de Souza Honorato (UNESC)

Prof. Esp. Kamila da Silva Rovaris (DOM BOSCO)

Dedico este trabalho a meus pais Maria e Henrique e ao meu namorado Jonas que não mediram esforços para me incentivar e apoiar minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me iluminar nos momentos mais difíceis. E especialmente por mais esta conquista em minha vida.

Agradeço ao meu namorado e aos meus pais que amo muito e que sempre me deram forças, estando ao meu lado.

As minhas irmãs Eliane, Marilete e Sandra que contribuíram na minha caminhada durante esses quatro anos.

A todos os professores que contribuíram para a construção dos conhecimentos adquiridos durante a trajetória da graduação. Em especial ao meu professor orientador Marcelo Feldhaus, o qual aceitou abraçar esta pesquisa, por sanar as dúvidas e auxiliar este trabalho com paciência, compreensão, carinho. Obrigado pela sua dedicação tão positiva. Te admiro muito!

À UNESCO, em especial à coordenação do Curso de Artes Visuais.

A minha sogra Ivonete, meu sogro João e minha cunhada Joice por todo apoio. Quando precisei sempre me ajudaram!

Enfim, a todos os familiares que sempre me apoiaram, que colaboraram direta e indiretamente. Pelas caronas, hospedagens e tempo dispostos.

Todos vocês foram muito importantes nesta caminhada. Obrigada!

“A fruição da arte não é imediata, espontânea, um dom, uma graça. Pressupõe um esforço diante da cultura. Para que possamos emocionar-nos, palpitar com o espetáculo de uma partida de futebol, é necessário conhecermos as regras desse jogo, do contrário tudo nos passará despercebido, e seremos forçosamente indiferentes.”

Jorge Coli.

RESUMO

O presente trabalho apresenta como problema de pesquisa investigar se: A comunidade escolar da E.M.E.F Prefeito Mário Gomes Colares compreende o lugar das aulas de Artes na formação cultural e estética dos alunos? O problema nasce a partir de minhas inquietações frente ao ensino de arte. Como objetivo busco conhecer e refletir sobre os diferentes olhares que os pais têm em relação ao ensino da arte e se o compreendem como necessário e relevante para a formação cultural e estética dos alunos. Dessa forma o trabalho apresentado aborda uma linguagem qualitativa e faz uso da pesquisa de campo comungando com os conceitos de espaços de narrativa (Leite, 2008). Para fundamentar minha pesquisa dialogo com a luz de autores como Martins (1998), Ferraz e Fusari (1998), Zagonel (2008), Perissé (2009), dentre outros, que trazem reflexões sobre conceituação do ensino da arte e sua história, a construção do olhar e a experiência estética. A análise é realizada com quatro mães da E.M.E.F Prefeito Mário Gomes Colares, uma pequena escola multiseriada situada no interior de Jacinto Machado/SC. A partir dos resultados fica evidente que a Arte não é considerada relevante como área de conhecimento, mas sim à serviço de outras disciplinas, de acordo com o olhar dos envolvidos na pesquisa. Ainda existe fragilidade na compreensão da arte enquanto área de conhecimento, mas é importante destacar que as mães participantes da pesquisa se abrem para esta experiência e conseqüentemente para a ampliação de seus repertórios artístico-culturais. O percurso da pesquisa aponta que é fundamental proporcionar aos alunos e a comunidade ao seu entorno um contato com a arte e suas múltiplas linguagens, construindo e ampliando repertórios na perspectiva da construção de sujeitos com olhar sensível, crítico e reflexivo.

Palavras-chave: Ensino da arte. Experiência estética. Construção do olhar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Comunidade de Pinheirinho Alto.....	39
Figura 2 - Igreja da comunidade de Pinheirinho Alto.....	39
Figura 3 - E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares.	40
Figura 4 - E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares.	40
Figura 5 - Caixas.	42
Figura 6 - Participantes da oficina.	43
Figura 7 - Participantes da oficina.	43
Figura 8 - Materiais escolhidos por Angelita.....	44
Figura 9 - Materiais escolhidos por Jociane.	44
Figura 10 - Imagem da Monalisa escolhida por Simone.	45
Figura 11 - Máscara escolhida por Simone.	46
Figura 12 - Produção artística de Simone.	49
Figura 13 - Desenho de Jociane.	49
Figura 14 - Desenho de Rosilei.	50
Figura 15 - Desenho de Angelita.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

ACT - Admissão em Caráter Temporário

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

E.M.E. F - Escola Municipal de Ensino Fundamental

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INICIANDO O PERCURSO.....	10
2 A PESQUISA SOBRE ARTE E A ESCOLHA DO MÉTODO	13
3 O ENSINO DA ARTE E A SUA HISTÓRIA: BREVE RETOMADA	17
3.1 (RE) VISITANDO AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS	19
3.1.1 A pedagogia tradicional.....	21
3.1.2 A pedagogia escolanovista	21
3.1.3 A pedagogia tecnicista	23
3.1.4 Pedagogia crítico social	24
3.2 O ENSINO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE	26
4 A CONSTRUÇÃO DO OLHAR E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: POSSIBILIDADE OU NECESSIDADE?	29
4.1 APRECIÇÃO ESTÉTICA	31
5 O QUE DIZEM AS MÃES DOS ALUNOS DA E.M.E.F PREFEITO MÁRIO GOMES COLARES SOBRE O ENSINO DE ARTE?.....	37
5.1 A COMUNIDADE	38
5.2 A ESCOLA	39
5.3 ANÁLISE DE DADOS: REFLEXÕES ENTRE O VISTO, OUVIDO E OBSERVADO.....	41
5.4 PROJETO DE CURSO: TURISMO CULTURAL – AMPLIANDO REPERTÓRIOS E CONSTRUINDO UM OLHAR SENSÍVEL	57
5.4.1 Ementa	57
5.4.2 Carga horária	58
5.4.3 Público alvo	58
5.4.4 Justificativa.....	58
5.4.5 Objetivos	59
5.4.5.1 Objetivo geral	59
5.4.5.2 Objetivos específicos.....	59
5.4.6 Metodologia	60
5.4.7 Referências	60
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICE (S).....	66
ANEXO (S).....	70

1 INICIANDO O PERCURSO

Minha história como professora começou muito cedo. Já aos seis anos brincava de ser professora e após a finalização de minha graduação, essa brincadeira de infância torna-se profissão. Desde criança queria ser professora, minha brincadeira predileta era escolinha, uma brincadeira muito comum entre as crianças, mas que para mim não acabou por aí. Fui crescendo e essa vontade foi ganhando forma. Já estava no segundo ano do ensino médio e minha decisão era de cursar o magistério. Então com o decorrer do tempo ouvindo falar sobre faculdade, ENEM, e outros processos, fiquei pensando o que fazer: magistério ou graduação? E se eu fosse fazer graduação que área iria seguir? Apenas tinha uma certeza: ser professora!

O tempo foi passando e pela primeira vez estava gostando muito das aulas de Artes. Com muito entusiasmo a cada semana ficava ansiosa em saber o que a professora nos proporcionaria. E me surpreendia a cada aula. Uma professora muito inteligente criativa e que me inspirou a fazer o curso de Artes Visuais. E hoje estou aqui concluindo o curso, feliz e realizada pelos conhecimentos adquiridos. Embora tenha ciência que a formação não acaba aqui.

Durante esses quatro anos de vida acadêmica e início da vida profissional como professora em caráter temporário, surgiram inquietações sobre o ensino da arte e sua importância, em especial no município em que vivo, Jacinto Machado, que resultam na materialização de minha pesquisa. Na escolha do objeto de pesquisa queria algo que fosse significativo para mim e que contribuísse com o ensino da arte.

Dessa forma, apresento como problema de pesquisa a seguinte questão: A comunidade escolar da E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares compreende o lugar das aulas de Arte na formação cultural e estética dos alunos? Buscando subsídios para alcançar a dimensão da problemática, proponho também outros questionamentos como: Qual a importância de ensinar e aprender a Arte? Qual a valorização que a disciplina de Artes tem diante da comunidade escolar? Os pais consideram a disciplina de Artes tão importante quanto às outras disciplinas? Como possibilitar nas aulas de Artes a formação cultural e estética dos alunos?

Nesse sentido a pesquisa busca elencar a importância do ensino da arte na formação escolar e conhecer qual o olhar dos pais em relação ao ensino da arte.

Com isso tenho como objetivo geral observar e refletir se a comunidade escolar de E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares de Jacinto Machado/SC, compreende o lugar das aulas de Artes na aprendizagem dos alunos como formação cultural e estética. Os objetivos específicos se apresentam como: identificar a importância do ensino da arte como formação cultural e estética do sujeito; analisar se os pais e os alunos da E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares compreendem e valorizam o ensino de arte; refletir se é possível mudar o conceito de que arte é apenas desenhar e pintar relacionando-se apenas a recreação; promover mudanças no conceito de arte na visão dos pais; e propor um projeto de curso que vise ampliar o olhar estético da comunidade em geral.

Para realizar este estudo escolhi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Mario Gomes Colares, instituição onde estou trabalhando no ano de realização do TCC, como campo de pesquisa, aproximando-se ainda mais da realidade em que atuo.

Estruturando a pesquisa proponho o estudo em capítulos que se subdividem. Após a introdução discorro sobre os procedimentos metodológicos, apresentando a linha de pesquisa e a sua classificação, contextualizo o local onde ela se desenvolveu, os sujeitos envolvidos, os instrumentos e métodos para a coleta de dados. Nesse capítulo destaco os autores: Leite (2008), Honorato (2008), Ramos (2003), Demo (2005).

No capítulo seguinte debruço-me sobre o ensino da arte e sua história desde seu início até a sua contemporaneidade. Proponho textos que retomam, ainda que de forma breve, as tendências pedagógicas estabelecendo reflexões sobre o ensino da arte e sua relevância no currículo a partir de experiências significativas.

O capítulo que segue é dedicado a reflexões sobre a construção do olhar e a experiência estética. Apresento conceitos sobre as imagens do dia-a-dia e as diferenças existentes entre ver e olhar. Estabeleço ainda relações entre arte, cultura, apreciação estética, experiência estética e construção do olhar.

No quinto capítulo apresento um breve histórico da comunidade e da escola em que realizo o campo da pesquisa. Após estas reflexões destaco a análise estabelecendo diálogos com o referencial teórico. A partir da análise proponho um projeto de curso (previsto nas DCN para Cursos de Artes Visuais – 2009), objetivando que ele possa contribuir significativamente com a realidade observada.

Pretendo contribuir com o ensino da arte através desta pesquisa na construção de novos olhares, reflexões e discussões.

O último capítulo traz as considerações finais onde reflito sobre o olhar das mães frente ao ensino da arte em contraponto com o referencial teórico. A ideia inicial da pesquisa era com mães e pais, mas obtive apenas a presença das mães na oficina. Estabeleço algumas proposições a partir dos resultados alcançados e indico novas proposições para pesquisas futuras.

2 A PESQUISA SOBRE ARTE E A ESCOLHA DO MÉTODO

A pesquisa é de grande importância para a formação acadêmica, pois ela proporciona a descoberta, o questionamento e produz novos conhecimentos. A necessidade do pesquisador de fazer pesquisa surge de questionamentos sobre algum tema. Através desses questionamentos busca conhecer novos olhares e realidades, estando aberto à novos diálogos.

Segundo Demo (2005, p.39):

Pesquisar, assim, é sempre também dialogar, no sentido específico de produzir conhecimento o outro para si, e de si para o outro [...]. Pesquisa passa a ser, ao mesmo tempo, método de comunicação [...]. Quem pesquisa tem o que comunicar. Quem não pesquisa apenas reproduz ou apenas escuta. Quem pesquisa é capaz de reproduzir instrumentos e procedimentos de comunicação. Quem não pesquisa assiste à comunicação dos outros.

A partir das definições do autor, podemos compreender que a pesquisa é uma forma de comunicação que gera conhecimento. Tanto para si quanto para o outro. Através da pesquisa podemos compreender e também levar novos conhecimentos para o outro. Ser um professor pesquisador exige investigação de problemas emergentes nas práticas escolares, currículo entre outros. Levando a compreender e pesquisar estas realidades, construindo conhecimento, ampliando repertório em formação contínua.

A partir da compreensão da importância da pesquisa para formação acadêmica, e sobre o professor pesquisador, venho destacar a compreensão da pesquisa sobre arte e suas definições. Minha pesquisa debruça-se em uma pesquisa sobre arte, voltada para área da educação, humanas e sociais. O objeto de estudo é pesquisado a partir de hipóteses.

Segundo Leite (2008, p.30) “pesquisa sobre arte é aquela que é feita por pesquisadores, tendo como produto final um texto [...] não se pode deixar de fora especificidade da arte.” Cattani (2002, p. 32) define pesquisa sobre arte “[...] aquela que envolve análise das obras, reunindo a história da arte, as teorias da arte e, ainda conceitos de outras áreas do saber, utilizados como conceitos instrumentais.”

Esta pesquisa encontra eco no estudo sobre a relevância do ensino da arte para a formação estética e cultural dos sujeitos a partir do olhar das mães da

comunidade escolar da E.M.E.F Mário Gomes Colares. A linha de pesquisa que sustenta o trabalho é em Educação e Arte, que apresenta como ementa o estudo dos “princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. Linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica. Estudos sobre estética, cultura e suas relações com a arte e a educação.” (TCC, 2010, p.2).¹

Quanto à natureza apresenta-se como básica uma vez que “tem como propósito a geração de novos conhecimentos para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista.” (RAMOS, 2003, p. 24).

Diante da preocupação e inquietudes sobre o ensino da arte e a necessidade de descobrir o que a comunidade escolar de determinado lugar pensa sobre ela proponho como objeto de pesquisa investigar: **A comunidade escolar da E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares compreende o lugar das aulas de Arte na formação cultural e estética dos alunos?**²

As questões norteadoras que envolvem meu problema de pesquisa são: Qual a importância de ensinar e aprender a Arte? Qual a valorização que a disciplina de Artes tem diante da comunidade escolar? Os pais consideram a disciplina de Artes tão importante quanto às outras disciplinas? Como possibilitar nas aulas de Artes a formação cultural e estética dos alunos?

A forma de abordagem do problema se baseia em uma pesquisa qualitativa já que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, que não pode ser traduzido em números.” (RAMOS, 2003, p. 25).

Essa discussão qualitativa considera o que dizem, pensam e traduzem essas mãos envolvidas, sobre a disciplina de Arte. Quanto aos objetivos a forma de abordagem é descritiva e, “objetiva descrever as características de determinada população, fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática.” (RAMOS, 2003, p. 25).

Nesse aspecto o objetivo norteador propõe: Refletir se a comunidade escolar de E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares de Jacinto Machado/SC, compreendem o lugar das aulas de Artes na aprendizagem dos alunos como formação cultural e estética. Os objetivos específicos estão ligados com as

¹NORMAS, Trabalho de Conclusão de Curso – Artes Visuais - Licenciatura, 2010, p. 02

² Grifo da autora.

questões norteadoras dessa pesquisa e assim se desenham: Identificar a importância do ensino da arte como formação cultural e estética do sujeito; analisar se os pais e os alunos da E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares compreendem e valorizam o ensino de arte; discutir se é possível mudar o conceito de que arte é apenas desenhar e pintar relacionando-se apenas recreação; observar se é possível com a pesquisa promover mudanças do conceito de arte na visão dos pais; e propor um projeto de curso que visa ampliar o olhar estético da comunidade em geral.

Para atingir estes objetivos e desenvolver a pesquisa do problema os procedimentos técnicos de minha pesquisa envolveram pesquisa de campo.

De acordo com Severino (2007, p.123):

Na pesquisa de campo, o objeto/ fonte é elaborado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador.

Enquanto instrumento de coleta aproprio-me do conceito de espaços de narrativa³ que realizei uma oficina observando que relações que as mães das crianças matriculadas na E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares tem com a Arte e o que entendem por Arte. Analiso ainda as contribuições do ensino da Arte na formação dos alunos. É importante compreender que:

A importância, para a pesquisa, dos espaços de narrativa se dá por se tratar de espaços de troca entre os sujeitos e o pesquisador. Na verdade, eles constituem uma forma diferenciada de ouvir o que, num momento de entrevista estruturada, não é dito (HONORATO, 2008, p. 117).

A autora propõe que a coleta de dados em espaços de narrativa é muito enriquecedora, nela podemos observar e ouvir o que em uma entrevista não poderíamos ouvir uma vez que é nas experiências que aparecem falas espontâneas, dizeres e fazeres que serviram como base para a análise desse estudo. “Favorecer um espaço de narrativa é compreender o papel do outro na construção de significados [...] Dessa forma, os *espaços de narrativa* por nós propostos são espaços de criação de sentidos, espaços de troca e produção de conhecimento [...]” (LEITE, 2005, p. 129-130) Foram nos espaços de troca entre ambas as partes, tanto

³ O conceito de espaço de narrativa é de autoria da professora pesquisadora Dra. Maria Isabel Leite e estudos mais aprofundados podem ser obtidos em diversas de suas publicações.

para o pesquisador quanto para os envolvidos que essa pesquisa se alimenta e contribui com projeto de formação no sentido de auxiliar na transformação da realidade. O roteiro base e a metodologia utilizada para a oficina encontram-se no Apêndice A, desse trabalho.

3 O ENSINO DA ARTE E A SUA HISTÓRIA: BREVE RETOMADA

A presença da área de arte em muitas escolas é, frequentemente, associada à cereja que enfeita o bolo: atraente, mas facilmente descartada. Quando, entre adultos, educadores ou não, o assunto são as aulas de arte que tiveram na infância, as decorações das festas juninas e as colagens de algodão nos coelhos da páscoa são algumas das poucas lembranças comuns, que resistem, bravamente, às diferentes reformas curriculares ao longo dos anos (ALBANO, 2010, p. 09).

Muitas pessoas dão grande importância ao ensino da Matemática, Língua Portuguesa, entre outros conteúdos, mas será que acontece o mesmo ao ensino da Arte? Para que ensinar e aprender arte? Tentando dialogar sobre estas questões proponho este texto colocando em cena o ensino da arte e seu estado frente à educação dos sujeitos.

Sabemos que a arte é importante para desenvolver a criatividade, mas não apenas isso, ela tem importância em si mesma como área de conhecimento, contribuindo significativamente na formação cultural e estética. Essa formação cultural se dá através das experiências realizadas envolvendo a música, o teatro, a dança, as artes visuais, o cinema, a poesia. Então, se a formação cultural acontece com as experiências, é de grande importância que elas sejam significativas. É importante que o professor de arte seja propositor de experiências em todas as linguagens, em especial em sua área de formação, e que estas sejam significativas a seus alunos.

[...] ao elencarmos para os nossos educandos o que queremos para o nosso trabalho, precisamos nos dar conta de que é para o outro. E quem é esse outro? O que ele me fornecerá para construir ao seu lado percursos que o torne indagador, sensível nas escolhas e nas suas decisões? (PEREIRA, 2014, p. 25 - 26).

Uma experiência significativa é aquela que toca, que afeta, deixa lembranças, que é importante, que chama atenção, nos envolve, é marcante, é especial e permanecem em nossa memória. Se em algum momento nos lembramos de certas experiências, podemos dizer que só lembramos porque foi significativo de alguma forma. Se aquele momento, aquele aprendizado foi realmente importante é porque tivemos uma experiência estética significativa e não apenas uma vivência. São com as experiências que conhecemos o mundo, sendo assim com experiências

significativas seremos conhecedores da arte, de suas linguagens e da cultura como um todo.

Assim a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber (MARTINS, 1998, p. 13).

Muitas vezes o ensino da arte é reconhecido pelos alunos, pais e professores de outras disciplinas, como forma de recreação, lazer ou descanso das aulas de Matemática, por exemplo. Coloca-se como função das aulas de Artes, decorar a escola nas datas comemorativas contribuindo para uma visão reducionista da arte e seu ensino.

De fato, umas séries de desvios vem comprometendo o ensino da arte. [...] preencher desenhos mimeografados, fazer o presente do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal. Memorizam-se algumas “musiquinhas” para fixar conteúdos de ciências, faz-se “teatrinho” para entender os conteúdos de história e “desenhinhos” para aprender a contar (MARTINS, 1998, p. 12).

Devemos pensar que a arte não está ligada somente a essas funções. A arte contempla o conhecimento historicamente acumulado e não apenas a reprodução de desenhos para datas comemorativas, ou exercícios de colorir desenhos mimeografados, uma vez que na arte deve-se estimular a imaginação e a criação. Oferecendo desenhos mimeografados para as crianças estaremos reduzindo suas possibilidades de criação. Será que isso ocorre por ser uma forma mais fácil e rápida? Uma forma onde irá ficar bem ‘bonito’ e perfeito para enfeitar a escola? Mas e o que acontece com a imaginação e criação? O que contribui para a presença dessas práticas em sala de aula?

No livro ‘Didática do Ensino da Arte’, as autoras relatam um fato que ocorreu em uma seleção de desenhos de todos os países que seriam enviados a Milão. Lá seriam selecionados os melhores desenhos. Foram enviados desenhos das crianças do Brasil, porém nenhum foi selecionado em Milão. Então foi feita uma entrevista com o presidente da comissão organizadora e a resposta foi que os critérios de avaliação eram os desenhos mais espontâneos e naturais, e que não foram os desenhos das crianças os negados e sim a ajudinha que tiveram dos pais e

professores para que estes desenhos fossem perfeitos, utilizando régua, tudo muito bem colorido e desenhado (MARTINS, 1998).

De acordo com as autoras:

Os recusados, na verdade, não foram os desenhos das crianças brasileiras, mas os responsáveis pela seleção feita no Brasil. Provavelmente pensaram: “Se é para ir à Europa, não podemos enviar qualquer coisa!” E pais ou professores deram a sua “ajudinha”, a famosa “mão de gato” E será que ela não está presente até hoje? Aqueles desenhos mimeografados para colorir, presentes como atividades planejadas, tanto para crianças como para os alunos de curso de magistério em suas pastas de arte (arte?) são atestados de que não seriam capazes de fazer nada melhor (MARTINS, 1998, p. 15).

Esta citação nos faz refletir sobre como é a visão da arte em muitas escolas. Isso é ainda muito recorrente na atualidade nas escolas, nos planos de aula e nas seleções de desenhos para prêmios e exposições onde são sempre os mais bem “feitos” nos traços à régua e na pintura os selecionados para participar dessas ações. É importante pensar até que ponto os adultos, pais das crianças de hoje, são fruto dessa formação e compreendem que o ensino da arte segue essa concepção de apêndice do conhecimento.

Muitas vezes nas aulas de Artes ou até mesmo em museus as pessoas vêem as obras de arte abstratas, contemporâneas, entre tantas outras que fogem do figurativo como algo de menor valor sem muitas vezes compreendê-las como arte.

A arte, assim como as demais áreas do conhecimento são fundamentais para a construção dos sujeitos. E conhecer sua história e as tendências e concepções que acompanharam o ensino é fundamental para que possamos compreender algumas práticas presentes no cotidiano escolar.

3.1 (RE) VISITANDO AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

As práticas educativas passaram por diversas mudanças e tendências, que marcaram o histórico do ensino da arte no Brasil. Essas tendências são compreendidas como pedagogias. De acordo com Ferraz e Fusari (1998, p. 20), “as práticas educativas aplicadas em aula vinculam-se a uma pedagogia, ou seja, a uma teoria de educação escolar.” A seguir proponho uma descrição mais detalhada de cada uma.

Para melhor entender a importância e a história do ensino da arte, retomamos ao passado, por volta de 1549, quando os Jesuítas chegam ao Brasil e catequizaram os índios. De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 1998, p. 184) “tal fato originou um tipo de arte com características próprias: o Barroco Brasileiro.” Nesse período não existiam escolas de arte, apenas trabalhos manuais produzidos pelos artesãos.

Em 1816 surge o neoclassicismo, com a chegada da família real ao Brasil. Nesse período surge Academia Imperial de Belas Artes, onde a missão artística francesa ficou encarregada de divulgar essa concepção por meio da academia. Nesta proposta a arte é elitizada destinada apenas às classes mais ricas.

Essa academia ensinava a técnica e a cópia fiel de obras. O ensino era autoritário sendo o professor o detentor do saber, não existia relação professor aluno. Exigia-se do aluno a coordenação motora, a técnica, voltada apenas para a preparação do trabalho e para vida profissional (SANTA CATARINA, 1998).

De acordo com Martins (1998, p. 11):

Nessa época surgiram também algumas disciplinas como ‘artes domésticas’, ‘trabalhos manuais’ e ‘artes industriais’, em cujas aulas os meninos eram separados das meninas, pois haviam artes ‘femininas’ - bordado, tricô, roupinhas de bebê, e aulas de etiqueta [...] - e artes ‘masculinas’, geralmente executadas com madeira, serrote, serrinhas, martelo: bandejas, porta-retratos, descansos de prato, sacolas de barbante, tapetes de sisal.

A partir desta citação podemos notar que o ensino da arte era voltado para a formação do trabalho, sendo que mulheres e homens tinham aulas separadas, as mulheres sendo preparadas para vida doméstica e os homens para trabalhos mais pesados dando-se a transição para a pedagogia tradicional.

3.1.1 A pedagogia tradicional

A pedagogia tradicional tem influência da missão artística francesa que chega ao Brasil por volta de 1816. Relacionada a um ensino mecanizado “com ênfase exclusivamente no professor, que ‘passa’ para os alunos ‘informações’ consideradas verdades absolutas.” (FERRAZ; FUSARI, 1998, p. 25). Ensinava-se desenho geométrico, perspectiva e o ensino do artesanato com desenhos de

decoração. Não só o desenho, mas o ensino da música também era de teoria, cópia e imitação. Já o teatro e a dança apareciam como apresentações em festas da escola, dificilmente sendo reconhecidos como relevantes na aprendizagem, fato que em muitas escolas ainda hoje temos o teatro e a dança, vinculados apenas à apresentações e homenagens em dias de festas nas escolas. Aqui a arte não era vista como disciplina e sim apenas como ferramenta para a vida profissional.

3.1.2 A pedagogia escolanovista

Em 1922 ocorre a Semana de Arte Moderna e a partir daí a arte toma um novo contexto. De acordo com a Proposta Curricular do estado “a vinda de informações sobre os movimentos de arte moderna como fauvismo, expressionismo, entre outros, teve forte influência na arte local, motivando um novo olhar para a produção artística infantil.” (SANTA CATARINA, 1998, p. 184). No Brasil surge a Escola Nova, com suas ideias de educação centradas nos alunos, na igualdade de oportunidades, na livre expressão e espontaneidade dando ênfase a forma de expressão.

Grandes educadores participam desse movimento, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Manuel Lourenço Filho, e começaram a defender e a buscar uma escola pública, universal e gratuita. Segundo eles, a educação deveria ser proporcionada a todos, e todos deveriam receber o mesmo tipo de educação. O movimento reivindicava uma igualdade de oportunidades (ZAGONEL, 2008, p. 49).

Com a ideia de livre expressão e de igualdade de oportunidades de que a educação deveria ser proporcionada a todos não somente às classes mais ricas, houve uma grande mudança na educação. Porém, no governo de Getúlio Vargas essas ideias foram cessadas por algum tempo proibindo a livre expressão do cidadão sendo que apenas o ensino da Música cresceu com o intuito do patriotismo. Somente após o governo de Getúlio que “a ideia de incluir o ensino de Arte na escola é retomada a partir de 1945.” (ZAGONEL, 2008, p. 51).

No final dos anos 40 e início dos anos 50 surge no Brasil as Escolinhas de Arte que tinham por objetivo “desenvolver a capacidade criadora da criança, visando o seu desenvolvimento estético.” (SANTA CATARINA, 1998, p. 185). Estas escolinhas foram se espalhando pelo Brasil, influenciando a concepção do ensino da

Arte. “[...] o aluno passa a ser visto como agente participativo do processo de ensino-aprendizagem e a criança como um ser dotado de personalidade original.” (ZAGONEL, 2008, p. 51).

A partir dessas novas concepções percebe-se um ensino voltado para o aluno, através de seu interesse a livre expressão e criatividade. Uma relação professor/aluno, onde não mais o professor é o detentor do saber, há um reconhecimento dos fazeres dos alunos com o incentivo à livre expressão. “Desse modo, contrapondo-se ao ensino vigente, propunham o desenvolvimento da criatividade do aluno, pois viam esse como um ser participativo do processo e, nesse contexto, incentivavam a livre expressão.” (ZAGONEL, 2008, p. 78). A escola nova buscou um ensino público e gratuito visando igualdade social sendo a educação um direito de todos.

Segundo Saviani (1986 apud FERRAZ; FUSARI, 1998, p. 31):

[...] a pedagogia nova deslocou o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico. Dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretívismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental, baseada, principalmente, nas contribuições da Biologia e da Psicologia.

Apesar de toda contribuição que a Escola Nova nos trouxe, ela deixou a desejar talvez não ela, mas o modo como ela foi interpretada.

No entanto, a criatividade é a tal ponto disseminada e, na maioria das vezes, mal compreendida que chega à banalização, levando ao enfraquecimento de sua própria importância. Mas talvez a valorização exacerbada dada à livre expressão e à espontaneidade da criança no ensino de Arte se dava ao fato de que o País estava saindo do regime de ditadura, que justamente impedia ou, melhor dizendo, proibia a livre expressão do cidadão (ZAGONEL, 2008, p. 52).

Na Escola Nova defendia-se a livre expressão a educação centrada no aluno dando ênfase a sua criatividade, tudo isso é muito bom, mas foi se direcionado nas escolas a um fazer por fazer, sem preocupação com os resultados e pouco era ensinado a esses alunos os conteúdos da arte. Apesar das mudanças a arte ainda não conquistou seu lugar como disciplina, apenas é tida como atividade, logo, dispensável na composição do currículo.

3.1.3 A pedagogia tecnicista

Neste período (1960/1970) a educação estava sendo considerada insuficiente, necessitando de práticas com fundamentos teóricos. Não apenas na criação espontânea, preocupava-se com os resultados obtidos através dos objetivos dos planos de ensino. A importância se dava apenas nos resultados e objetivos. Necessitavam de preparo profissional através das aulas, de implantação de novas tecnologias visando atender o novo mundo tecnológico que estava em processo de expansão.

Na pedagogia tradicional dava-se ênfase ao trabalho, na pedagogia nova dava-se ênfase a livre expressão, mas essa livre expressão tornou-se um fazer por fazer foi se perdendo o interesse na aprendizagem dos conteúdos e de seus resultados. Então, na pedagogia tecnicista volta a necessidade do preparo para o trabalho através da educação tendo em pauta os conteúdos e dando valor aos objetivos alcançados.

O que se tem constatado é uma prática diluída, pouco ou nada fundamentada, na qual métodos e conteúdos de tendência tradicional e novista se misturam, sem grandes preocupações, com o que seria melhor para o ensino de Arte (FERRAZ; FUSARI, 1998, p. 39).

Em 1971 foi instituída a lei que coloca em vigor o ensino de Educação Artística. A Educação Artística deveria promover o ensino das diferentes linguagens artísticas. Esta lei não garante a arte como conteúdo, conhecimento, apenas como uma atividade, que poderia ser substituída por outras ações. “Essa proposta de inter-relação não se mostrou eficaz, principalmente devido à falta de uma formação especializada, tanto pedagógica quanto de conteúdo, profissional dessas diversas áreas requisitadas.” (ZAGONEL, 2008, p. 53).

Houve a falta de formação específica em cada área sendo que os professores da época eram formados pelas Escolinhas de Arte, não às desmerecendo, mas os professores não estavam conseguindo aprofundar-se em todas as linguagens criando-se o conceito do ensino polivalente. Outro entrave era que necessitavam de diploma de ensino superior. “O governo foi então obrigado a resolver de forma emergencial, criando os cursos de licenciatura Curta em Educação

Artística, com dois anos de duração, para atender, o mais rapidamente possível, à demanda das escolas.” (ZAGONEL, 2008, p. 53). A partir daí surgiu a necessidade de criar cursos de Licenciatura, estes cursos capacitavam os professores nas diversas linguagens da arte, dança, teatro, música e artes visuais.

O professor de arte teria que trabalhar com todas essas linguagens, porém davam ênfase à linguagem que mais conheciam e se identificavam ensinando superficialmente as outras linguagens. Pois apesar de terem se formado em cursos superiores que abrangiam todas as linguagens, dois anos foram muito poucos para o aprofundamento das mesmas.

O fracasso da experiência da lei nº 5.692/71, que propunha o ensino integrado das artes feito por um suposto professor polivalente, levou os educadores a repensar esse ensino. Os cursos superiores começaram a desmembrar seus currículos, tratando diferenciadamente a formação da licenciatura em cada uma das artes (ZAGONEL, 2008, p. 54).

Em meio a essas incertezas houve a necessidade dos professores repensar as práticas educativas surgindo assim o movimento Arte-Educação. Neste sentido a Proposta Curricular de Santa Catarina aponta que “na década de 80, as associações de professores de artes em vários estados brasileiros estruturaram-se, criando a Federação das Associações de Arte- Educadores do Brasil – FAEB [...]” (SANTA CATARINA, 1998, p. 186). Os professores juntaram forças e criaram a FAEB e através dela reorganizaram e discutiram suas práticas educativas.

3.1.4 pedagogia crítico social

Em 1961/1964, surge no Brasil uma preocupação com o rumo que a educação está tomando, principalmente em relação ao ensino público. Paulo Freire trás com a pedagogia libertadora igualdade entre alunos e professores com propostas de alfabetização de adultos, na perspectiva de “uma educação do povo, de caráter ‘não formal’, não diretivo, não autoritário, visando libertar as pessoas da opressão da ignorância e da dominação.” (FERRAZ; FUSARI, 1998, p. 40).

Com isso Freire queria uma consciência crítica da sociedade, discutindo ações que pudessem transformar a sociedade. “Começa a se ‘desenhar’ um redimensionamento pedagógico que incorpora qualidades das pedagogias

tradicional, nova, tecnicista e libertadora e pretende ser mais ‘realista e crítico’.” (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 33).

A partir daí nessa percepção de interação de educação e sociedade que a pedagogia libertadora propõe, a pedagogia Crítico Social cerca-se dessas concepções e comunga do conceito que a “cidadania exercida em determinada estrutura social que necessita ser questionada e transformada.” (FERRAZ; FUSARI, 1998, p. 42). A educação deve proporcionar ao educando possibilidades de ser agente participante e crítico da sociedade proporcionando acesso aos conhecimentos culturais e conteúdos que estejam ligados à realidade social dos educandos.

Ainda segundo as autoras:

Saviani propõe para essa pedagogia métodos de ensino que interligam professor e alunos aos processos sociais. Para esse autor, o ponto de partida é a “prática social comum a ambos (e não a ‘preparação’ dos alunos, cuja iniciativa é do professor – na pedagogia tradicional; e nem a ‘atividade’, que é da iniciativa dos alunos – na pedagogia nova)”. A prática social é problematizada através de questões que se desdobram em conhecimentos a serem dominados. A apreensão destes conhecimentos completa-se com suportes teóricos e culturais, já produzidos e em produção, e devem conduzir (professores-aluno) a uma nova compreensão da sociedade (FERRAZ; FUSARI, 1998, p. 43).

Nessa concepção não somente o professor passa seus saberes aos alunos nem somente os alunos realizam as atividades com ênfase apenas no fazer. Nesta pedagogia os dois pensam juntos para melhorias da sociedade.

Segundo Ferraz e Fusari (1998, p. 42):

A educação escolar deve assumir o ensino do conhecimento acumulado e em produção pela humanidade, isto é, deve assumir a responsabilidade de dar ao educando o instrumental necessário para que ele exerça uma cidadania consciente, crítica e participante.

Além disso, nessa pedagogia busca-se trabalhar com o conhecimento historicamente acumulado, fazendo do aluno um agente participante da sociedade, crítico e conhecedor de sua cultura.

Essa ainda é uma concepção em construção e em discussão em muitas escolas e sistemas de ensino presentes na contemporaneidade. No entanto, não defendo aqui uma pedagogia melhor ou pior, pois cada uma teve sua importância na

história do ensino da arte e seus reflexos são presentes na formação escolar que temos no presente sinalizando o ensino da arte na contemporaneidade.

3.2 O ENSINO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE

De acordo com o texto anterior é possível reconhecer o percurso da arte na história da educação e conseqüentemente ter subsídios para compreender como os adultos (foco dessa pesquisa), jovens e crianças se relacionam com o ensino da arte.

Desde 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n. 9.394/96, o termo Educação Artística foi substituído por Artes, e com isso a disciplina conquistou sua obrigatoriedade no currículo conforme destaca o artigo abaixo:

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (ART. 26, § 2º).

Com a conquista da obrigatoriedade o ensino da arte passou a ser uma disciplina que compõe os conhecimentos escolares. Não mais apenas uma atividade que poderia ser feita quando achassem necessária, algo complementar de outras disciplinas. Agora a arte passava a ser compreendida como área do conhecimento, a arte pela arte, sem estar em função ou à serviço de outra disciplina, porém passível de diálogos inter, multi e transdisciplinares, embora muitas vezes essa não é a realidade de algumas escolas onde a arte continua sendo considerada apenas uma recreação e preparação para dias festivos.

Enquanto professores já formados ou em formação inicial, não devemos considerar uma tendência mais importante ou menos importante. Nem priorizar em nosso planejamento um movimento ou conteúdos da Arte, que estamos familiarizados, pois temos de estar sempre em busca de novos conhecimentos, ampliando nosso repertório. É importante desvencilharmo-nos de uma cronologia linear, eurocêntrica, que demarca territórios rígidos sobre a história da arte.

Na escola, se fala do Barroco, neoclassicismo, impressionismo, mas pouco sobre arte contemporânea, talvez pela incerteza e insegurança de discutir e problematizar produções contemporâneas aos alunos. Para mudar essas

concepções e encarar a arte contemporânea levando-a para a sala de aula “[...] o professor de arte precisa estar, ele próprio, familiarizado com a história da arte e com a arte contemporânea [...]. Precisa apenas tomar gosto pela pesquisa e investir na busca de informações e conceitos.” (NARDIN; FERRARO, 2001, p. 184).

Dessa forma, fazendo pesquisa é que o professor poderá levar a arte contemporânea para a escola. Primeiramente ele precisa conhecer, compreender e ampliar seu repertório estético, para que depois possa levar aos alunos e conversar com eles na perspectiva da construção de um sujeito crítico. A arte contemporânea, assim como o ensino de arte na contemporaneidade abrangem uma área muito utilizada pelos adolescentes, à tecnologia, fazendo-se uso frequente dessas mídias para produções das obras contemporâneas.

Segundo Nardin e Ferraro (2001, p. 195):

Nesse sentido a arte contemporânea alimenta-se dos avanços da ciência, [...]. Faz-se o uso do computador, do vídeo, da fotografia, do cinema, da holografia para estabelecer uma produção por meios mecânicos e eletroeletrônicos ou pelas combinações interativas por desses meios, e buscam-se também novas percepções e, conseqüentemente, novas representações e visões do mundo atual e futuro.

Levando em consideração essas afirmações, pode-se compreender que não é difícil trabalhar a arte contemporânea na escola, basta aprofundar-se e fazer um estudo sobre ela para que a possamos entendê-la e mediá-la aos alunos, relacionando o conhecimento historicamente acumulado com as produções realizadas na arte do aqui, do agora (CAUQUELIN, 2005).

Segundo Pillotto (2008, p. 42):

O conhecimento de outras épocas, histórias, outras culturas, outras formas de expressão, outros modos de sentir e de ver são fundamentais no desenvolvimento humano. Vivemos num mundo de diversidades culturais, composto de muitas ideias, costumes e culturas, protagonistas de nossas histórias agregadas a outras tantas histórias. Se pretendemos de fato uma educação para a cidadania, que entenda os sujeitos como construtores de suas histórias, temos que garantir a educação estética e artísticas nos espaços das instituições educacionais.

Portanto, esse olhar mais amplo a que se refere a autora é um olhar que precisamos ter em relação a nossa cultura. Devemos conhecer nossa própria cultura

e as várias outras culturas, e assim, ampliaremos nosso repertório e o nosso senso crítico, através do conhecimento e das experiências que a arte nos proporciona.

“Porquanto, numa visão pós-crítica é possível compreender o aprendizado da e sobre a arte como forma de ampliar repertórios a partir de nossas experiências artísticas, estéticas e culturais.” (PILLOTTO, 2008, p. 38 - 39). Então essa visão pós-crítica que estamos vivendo, está preocupada com nossa formação estética, por um olhar mais sensível, mas ao mesmo tempo crítico e conhecedor.

Nesse contexto, entende-se que o aluno, [...] deve sentir prazer em aprender, em fazer arte, em criar, em improvisar, em ouvir, em ver e em apreciar as diferentes formas artísticas. Ele deve se expressar por meio do fazer artístico, ao mesmo tempo em que adquire conhecimento e desenvolve suas habilidades (ZAGONEL, 2008, p. 79).

Que possamos através desse olhar sensível, dessa apreciação estética, artística e cultural, ampliar nosso repertório e sermos conhecedores de nós mesmos e do mundo em que estamos inseridos.

4 A CONSTRUÇÃO DO OLHAR E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: POSSIBILIDADE OU NECESSIDADE?

O mundo contemporâneo é dotado de imagens. Sejam de arte, propaganda ou outra finalidade as visualidades estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Em meio a essa grande quantidade de imagens que passam despercebidas devemos dar a atenção ao olhar. Vemos todas essas imagens, mas não paramos para olhá-las e tentar interpretá-las. “O que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo.” (PILLAR, 2006, p. 13).

Parece-nos que ver e olhar tem o mesmo significado, mas há diferenças entre essas duas palavras. Defendo, à luz de autores que pesquisam na área, que quando vemos não percebemos, estamos apenas visualizando, já o olhar nos faz pensar, perceber, dar atenção. Então percebe-se que estamos, mais vendo do que olhando. “Ver é imediato, olhar é mediado. A imediatividade do ver torna-o um evento objetivo. Vê-se um fantasma, mas não se olha um fantasma. Vemos televisão, enquanto olhamos uma paisagem, uma pintura.” (TIBURI, 2012, p. 01).⁴

Dialogando com a autora entendemos que enquanto estamos vendo a TV, estamos olhando e percebendo outras coisas menos a TV. Assim muitas vezes acontece com as imagens que vemos em nosso dia-a-dia. Passamos rapidamente pelas ruas pensando nos afazeres e nos problemas. Vemos todas estas imagens e propagandas, mas não as olhamos, apenas estamos vendo, de forma corriqueira, sendo que logo serão esquecidas, pois não paramos para percebê-las e pensar sobre elas.

Como nos explica Márcia Tiburi no artigo “Aprender a pensar é descobrir o olhar,” é necessário compreender as relações e especificidades entre ver e olhar no sentido da complementaridade dos termos:

É como se depois de ver fosse necessário olhar, para então, novamente ver. Há, assim, uma dinâmica, um movimento - podemos dizer - um ritmo em um processo de olhar-ver. Ver e olhar se complementam, são dois movimentos do mesmo gesto que envolve sensibilidade e atenção. [...] abrimo-nos à experiência do olhar no momento em que o objeto nos impede

⁴Disponível no site: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69332>>. Acesso: 27/09/14 às 14:26 horas.

de ver. Uma obra de arte não nos deixa ver. Ela nos faz pensar. Então, olhamos para ela e vemos (TIBURI, 2012, p. 02).⁵

Quando passamos rapidamente por uma imagem na rua estamos apenas vendo, mas para ver realmente é necessário olhar e para olhar é necessário que ela nos chame atenção, para então pararmos e olharmos, e assim construir uma experiência, deixarmos-nos ser afetados. Conforme a autora, depois de ver é necessário olhar, para então novamente ver.

Nesse sentido de que uma obra não nos deixa ver e nos faz pensar, significa que muitas vezes uma obra de arte chama mais atenção e é mais significativa que uma imagem, por envolver a sensibilidade. Mas não podemos tomar essa concepção ao pé da letra, pois muitas vezes elas também passam despercebidas, assim como as imagens em nosso dia-a-dia. Talvez o que esse termo queira nos dizer é que diferentemente de uma imagem, uma obra de arte deve nos fazer pensar não sendo isso uma regra, mas uma proposição, pois frente a uma obra podemos olhá-las, apreciá-las, fruí-las. O sentido de olhar faz pensar e refletir sobre o que estamos olhando, mesmo que seja um pensamento que nos desacomode nos intrigue e contrarie nosso gosto estético.

Dessa forma ponho-me nesse capítulo a falar sobre a construção do olhar e a educação estética nas aulas de Artes. A educação estética busca a construção do olhar do sujeito fazendo com que seus conhecimentos sejam ampliados ao pensar, refletir, conhecer e poder fazer críticas em arte e sobre arte. “A educação estética irá contribuir para a ampliação das habilidades já existentes, estabelecendo no processo educacional a ponte entre o fazer e o refletir (pensar).” (FUSARI; FERRAZ, 1998, p. 56).

Partindo desse pressuposto entendemos que para uma construção do olhar e apreciação estética nas aulas de Artes o fazer deve estar ligado ao conhecer, compreender, a percepção e a reflexão. Logo, conhecer a história de um povo, sua cultura e poder comparar com outras culturas de outros povos podendo estabelecer essas relações resulta em uma compreensão e um olhar crítico. De acordo com Fusari e Ferraz (1998, p. 58) “o que importa é trabalhar atitudes

⁵ Citação retirada da autora referenciada na nota 4 em consulta ao site Arte na Escola. Acesso: 27/09/14 às 14:30 horas.

analíticas, para que os estudantes ultrapassem o senso comum e adquiram posicionamentos mais críticos.”

A partir desta reflexão podemos entender que a educação estética proporciona um olhar mais crítico e analítico referente as imagens que nos cercam, sejam elas de arte ou não. Que através da educação estética e de um olhar sensível, possamos ter fundamentos e conhecimentos mais amplos sobre a arte saindo assim do senso comum.

O título deste capítulo faz uma pergunta então para finalizar respondo a ela. A construção do olhar e a experiência estética: Possibilidade ou necessidade? Considero que seja uma necessidade é através das experiências estéticas que podemos ampliar nosso olhar, construirmos um olhar sensível para que possamos ser crítico e conhecedores. Também a educação estética busca essa construção do olhar fazendo com que nossos conhecimentos sejam ampliados ao pensar e refletir. Assim considero importante a construção do olhar e experiência estética para o ser humano para que possamos ampliar nossos conhecimentos ultrapassando o senso comum.

4.1 APRECIÇÃO ESTÉTICA

A arte surgiu há milhões de anos com os desenhos nas paredes de cavernas dos homens que nela habitavam. Através destes desenhos descobrimos como eram a cultura destes homens. Hoje em dia sabemos a cultura dos povos também por sua arte, por suas danças, músicas etc.

E tudo que é produzido artisticamente e culturalmente desperta em nós sentimentos agradáveis ou não ao nosso entendimento. Mexem com nossos sentidos. Nosso envolvimento com a arte, seja da música, poesia, dança constrói o nosso senso estético. “A formação estética resulta das relações que estabelecemos, e que continuamos estabelecendo, com obras de arte de todos os tipos, em circunstâncias favoráveis ou menos favoráveis.” (PERISSÉ, 2009, p. 46).

Ao apreciarmos uma obra de arte podemos ter várias sensações. Podemos além de vê-la, senti-la, ouvi-la, pensar e falar sobre ela. No entanto, conforme destacado anteriormente, em meio à correria do dia-a-dia não olhamos as coisas apenas vemos. Mas, e quando nos deparamos em um museu, galeria? E

quando somos apresentados a algum tipo de arte, como a arte contemporânea, por exemplo?

Para as pessoas que vivem num contexto onde seu olhar não é tão interessado pela arte, que não convivem com a arte, não vão a museus, exposições sua reação será de negação da arte. Dizendo que o que esta vendo não é arte, que qualquer um pode fazer. “Não é raro que alguém, frente a uma tela ou uma sala de concertos, teatro, ou cinema, diga: ‘isto é uma pintura?’ ‘Esta confusão de borrões até eu faço!’; ‘isto é música? Uma barulheira infernal!’; ‘Ópera? Me da sono!’; ‘Não entendi nada!’.” (MARTINS, 1998, p. 14).

Como já disse a autora Tiburi ‘a arte nos faz pensar’. Diferentemente de mostrar uma imagem de alguém famoso, fazendo propaganda de algum produto, mostrar uma obra de arte para uma pessoa, ou quando ela vai a exposições, sua reação é muito diferente. Ver uma propaganda não nos faz pensar além de consumir, já ver obras de arte nos provoca de alguma maneira, seja para fazermos críticas ruins ou boas.

Certa vez, um adolescente me contou que, lendo a contragosto o romance senhora, de José de Alencar (1829-1877), deparou com a personagem Aurélia no momento em que ela ia recolher-se aos seus aposentos! Ora-cogitou o leitor-, iria ela se aposentar, por acaso? A pergunta não é descabida para quem ainda precisaria ser apresentado a outro vocabulário, há outro tempo, a outro Brasil. O professor é mediador do encontro entre alunos e arte, mas obviamente precisa ter a intimidade necessária (ou seja, bastante intimidade!) com a arte que pretende presentear seus alunos (PERISSÉ, 2009, p. 48).

Isso ocorre justamente por não compreender, entender e por não conviver com certo assunto. Então nós enquanto professores de arte, temos que instigar o olhar estético de nossos alunos para que eles possam compreender as obras de arte. Não apenas as obras de arte, mas tudo o que nos rodeia. São tantas as informações visuais de publicidade que às vezes não nos damos conta e deixamos passar despercebidos.

E necessário ampliar nosso olhar estético para que possamos entender e analisar as imagens que vimos em nosso dia-a-dia. Assim também acontece com as obras de arte. Precisamos compreendê-las e analisá-las, “ler uma obra de arte consiste em criar com ela, a partir dela e além dela: deslocamentos do encontro.

Criar com a obra é entrar em sintonia com ela, admirá-la, adjetivá-la, valorá-la e valorizá-la, aderir à sua presença.” (PERISSÉ, 2009, p. 42).

Uma obra de arte nos passa sentimentos nos faz pensar e refletir sobre o mundo em que vivemos. Ao analisarmos e compreendermos uma obra de arte estaremos conhecendo as ideias do artista, de um determinado assunto, ampliando nosso repertório e construindo nossa ideia do mundo que nos rodeia.

Segundo Pillar (2006, p.15):

Ler uma obra seria, então, perceber, compreender, interpretar, a trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma imagem. Perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura. No entanto, tal imagem foi produzida por um sujeito num determinado contexto, numa determinada época, segundo sua visão de mundo. E esta leitura, esta percepção esta compreensão, esta atribuição de significados vai ser feita por um sujeito que tem uma história de vida, em que objetividade e subjetividade organizam sua forma de apreensão e de apropriação do mundo.

Existem várias formas de tudo isso acontecer, seja em exposições, museus, teatro ou cinema, mas principalmente a educação do olhar e do olhar sensível que deve se estimulado na escola. Também é fundamental que a escola propicie aos alunos a vivência destes espaços culturais para que possa ser ampliado esse olhar. Não somente na sala de aula, mas com o contato real com as obras de arte nestes museus, em contato mais próximo com o teatro e o cinema. E partir deste viés possibilitar a construção do olhar sensível, crítico e conhecedor de arte.

Lendo o livro de Campos (2002) encontro um projeto que envolveu a obra ‘As meninas’ de Velázquez. Neste projeto a imaginação, criação, poética, análise, e a crítica fazem parte do envolvimento dos alunos. Para melhor descrever a ideia deste projeto trago uma citação do livro:

A obra as meninas permitiu que imaginássemos uma volta no tempo, trazendo a menina (princesa Margarita) para a contemporaneidade onde pudéssemos conversar conhecer e construir experiências, inter-relacionando presente, passado e futuro. Assim, pela rede virtual, a menina de Velázquez adentra no século XX, passeia na praça do centro da cidade de Florianópolis, acompanhada pelos alunos, dialogando virtualmente sobre suas histórias. A menina filha do rei da Espanha, Felipe IV, no século XVII, falava de sua família e de seus conterrâneos que vieram para o Brasil, trazendo o passado para o presente, estabelecendo relações, apreciando, analisando, criticando, na tentativa de desvelar o futuro, mesmo sendo utópico. A imaginação é uma potência do espírito humano, capaz de

desprender-nos do espaço-tempo vivido e remete-nos à novidade do futuro (CAMPOS, 2002, p. 52).

Observa-se que através deste projeto houve uma educação estética, uma educação do olhar e do sensível, proporcionando aos alunos experiência estética.

Segundo Ostrower (1990 apud Campos, 2002, p. 104):

A experiência estética se dá no âmbito da sensibilidade. Além do profundo prazer, ela nos transmite um sentimento de expansão de vida e ao mesmo tempo desencadeia a compreensão de certas verdades sobre o mundo e sobre nós.

Observando esse projeto e os objetivos atingidos por ele, percebe-se o quanto é importante desenvolver experiências estéticas aos alunos. Através desta proposta os alunos puderam entender e compreender a obra trazendo-a para sua realidade, estabelecendo relações com o presente e o passado analisando criticando e imaginando com a obra. E é nesse âmbito que a educação escolar deve seguir proporcionando experiências estéticas, educando e sensibilizando o olhar do observador.

Segundo Márcia Tiburi em seu artigo “Relações Estéticas”

O que esperamos quando vamos ao cinema? Que o filme seja bom, nos divirta, nos ensine, nos comova. Esperamos uma experiência estética, ou seja, um conjunto de sensações com significado. Queremos sentir, mas não basta, queremos também entender. O prazer com um filme é algo que surge desta combinação entre sensibilidade e entendimento (TIBURI, 2008, p. 01).⁶

Quando apreciamos um filme ou uma obra, por exemplo, estamos vivendo uma experiência estética, conforme a autora experiência estética é um conjunto de sensações. Então, não importa quais sensações que tenhamos tido ao assistir um filme, ou apreciar uma obra de arte o que sentimos são experiências estéticas. Estas experiências muitas vezes nos remetem a outras experiências já vividas ou imaginadas. Às vezes vivemos momentos que nos fazem lembrar de outros, neste instante a memória é acionada, os sentidos despertados, somos afetados. Vendo ou

⁶Disponível no site: <<http://www.marciatiburi.com.br/textos/relacoesesteticas.htm>>. Acesso: 27/09/14 às 17:05 horas.

vivendo algo nos lembramos de outros momentos certamente estes foram significativos para termos lembranças.

O que foi o disparador do meu sensível? Um resgate da minha infância, dos bichos de mamão e chuchu, das bonecas de sabugo de milho; [...] de olhar as frutas penduradas na cerca de bambu, como a “saborosa”, nomeada assim por meu avô, (hoje sei que ela se chama pitaya) toda rosa escura cheia de pétalas e bem branca cheia de pintinhas pretas; [...] de sentir o vento no rosto na tentativa de me equilibrar e deixar o guidão da bicicleta reto para conseguir andar. [...] São imagens que se formam em minha mente e que felizmente me acompanham até hoje. Quantas pessoas partilham desses momentos e nem acreditam mais neles. Esse resgate de uma memória vivida. Eu me recordo de que aos seis anos ao frequentar a pré-escola, eu estava sentada em uma mesa sobre a qual havia tecidos de diferentes texturas (hoje me lembram os globelins) que tinham cores fortes como azul turquesa e ocre, não sei o que fiz com eles [...]. Mas, hoje eu sei que estas cores foram importantes e recorrentes em minhas aquarelas (produzidas na década de noventa do século vinte). Não foi uma experiência com uma atividade artística que eu executei, mas foi uma experiência de olhar e ter contato, isto muito me marcou e me contagiou (PEREIRA, 2014, p. 20, 21 e 23).

Às vezes vivemos momentos ou vemos algo que nos remete a lembranças da memória, da infância ou de algo que tenha marcado nossa memória, que foi importante e significativo, novamente vem a ideia de experiências significativas. Então se temos experiências significativas elas ficam em nossa memória e em todas as novas experiências lembraremos e faremos relações entre elas.

Quando apreciamos obras de arte estamos conhecendo as ideias e os sentimentos do artista. Nossa leitura e nosso olhar estendem-se para outros ângulos, a partir do que a obra nos causa. A partir daí estabelecemos relações entre o que pensamos, vimos, lemos sobre e o que o artista mostra em sua obra. Aceitando ou não as ideias do artista, compartilhando ou não, dá-se aí uma comunicação entre o artista e o espectador. Dessa forma construímos nossas concepções de mundo, de arte, de experiência, ampliando nosso repertório, constituindo-nos como sujeitos no mundo.

Bondía ⁷ (2002, p. 21 - 22) professor da Universidade de Barcelona e doutor em Filosofia da Educação, contribui para essa reflexão falando sobre experiência em seu artigo “notas sobre a experiência e o saber de experiência.”

⁷Disponível no site: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso: 28/09/14 às 9:00 horas.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. [...] Depois de assistir uma aula ou uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informações sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu.

Jorge Larrosa faz discussões sobre experiência e informação. Fala que hoje em dia buscamos estar informados, mas não se pode confundir informação com experiência. Estar informado é apenas saber sobre o assunto, mas não significa que esse assunto tenha sido significativo, que tenha tocado, que realmente tenha acontecido algo conosco.

Experiência mexe com nossa sensibilidade. Na experiência não vemos, olhamos, como já discutido. Cabe aqui na experiência o olhar, o pensar, o sentir, o olhar sensível. De nada me adianta saber todas as partes de um livro, se lá no fundo ele não tenha me tocado, me sensibilizado. Para poder tomar gosto sobre o assunto é preciso que ele me toque. Saber informações é vazio é preciso não apenas saber, mas sentir. Ter prazer ao discutir tal assunto, ter prazer em ler tal, livro, visitar algum lugar, pois este prazer e essa vontade me tornam mais sensível, traz o sentido da vida e de estar no mundo.

5 O QUE DIZEM AS MÃES DOS ALUNOS DA E.M.E.F PREFEITO MÁRIO GOMES COLARES SOBRE O ENSINO DE ARTE?

Antes de analisar os dados obtidos é importante situar a comunidade, a escola e os envolvidos na pesquisa. Início então falando sobre os sujeitos envolvidos na oficina, que ocorreu no dia 21 de setembro de 2014 na E.M.E.F Prefeito Mário Gomes Colares. Inicialmente visitei a Secretaria de Educação do município apresentando minha pesquisa e solicitando autorização (Termo de Consentimento) da rede para utilização da escola como campo de pesquisa. Dias antes da pesquisa encaminharei um convite aos pais mobilizando-os a participar da oficina.

Contei com a participação de quatro das oito mães convidadas. Foram também convidados os pais das crianças, porém apenas as mães compareceram. O número de alunos da escola totaliza dezesseis crianças contando com treze famílias. Consegui convidar apenas oito, e destas recebi 50% dos convidados, viabilizando os dados para análise de minha pesquisa. Três das mães participantes moram na comunidade onde se localiza a escola, e outra mora em uma comunidade vizinha. A faixa etária entre elas varia de 30 a 40 anos. São mães donas de casa que também ajudam seus maridos na agricultura. As mesmas serão identificadas, com o primeiro nome: Angelita, Simone; Jociane; e Rosilei, o modelo utilizado para as autorizações está no Anexo – A. As comunidades localizam-se no interior de Jacinto Machado, e tem como base econômica a agricultura. Todas as famílias da escola são de agricultores.

Os finais de semana, especialmente os domingos, são dedicados ao lazer: visitar parentes e amigos, ir à igreja, ficar em casa e descansar. O futebol é muito presente na comunidade entre os jovens, estes uma vez por ano participam do campeonato entre comunidades e bairros no centro da cidade. Esta comunidade como muitas outras tem como principais elementos da cultura as festas da igreja que homenageiam os santos padroeiros. A festa inicia com a missa, após almoço é oferecida uma tarde dançante ou baile, geralmente com músicas sertanejas e gaúchas. A maioria dos moradores participa e trabalha na festa ajudando a servir no almoço, na preparação para a missa e limpeza da igreja e salão.

As referências arquitetônicas da cidade de Jacinto Machado são a igreja, o centro comunitário e a escola. Não há museus, cinema, teatro ou outros

equipamentos culturais presentes na comunidade.

5.1 A COMUNIDADE

Localizada no interior de Jacinto Machado a comunidade de Pinheirinho Alto é conhecida por suas belezas naturais. As estradas são todas de chão batido, “antes de 1996 não era fácil chegar até aqui de carro.” (JACINTO MACHADO, 2011, p. 78). A sobrevivência das famílias vem da agricultura, onde cultivam banana, fumo, milho, feijão. Há também a criação de aves, suínos, bovinos entre outros. “Os primeiros moradores foram os bugres. Os primeiros civilizados a ocuparem essas terras eram todos da serra.” (JACINTO MACHADO, 2011, p. 78).

Com o predomínio da religião católica a comunidade possui uma capela onde aos domingos celebram os cultos, e uma vez por mês quando o padre vai à comunidade é celebrada a missa.

Em 1935, foi construída uma capelinha de madeira com torre no centro. Ante disso as Missas eram celebradas na casa de Manoel Candinho. [...] Em 1963, foi construída a 2ª também de madeira. Em 1981 foi construída a 3ª de alvenaria. Toda mão-de-obra foi executada pelo povo do lugar (JACINTO MACHADO, 2011, p. 79).

Segundo Jacinto Machado (2011, p.78) “a primeira escola foi construída em 1950 pelos pais. Em 1960 a prefeitura construiu uma escola de madeira, em 1968 o estado construiu a atual de alvenaria.”

Figura 1 - Comunidade de Pinheirinho Alto.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Figura 2 - Igreja da comunidade de Pinheirinho Alto.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

5.2 A ESCOLA

A partir de 1968 a comunidade de Pinheirinho Alto conta com a escola municipal, que atualmente é conhecida por E.M.E.F Prefeito Mário Gomes Colares. Conta com Educação Infantil e Ensino Fundamental I. São ao todo 16 alunos, nove na educação infantil e sete no ensino fundamental I, sendo que todos ficam na

mesma sala, em uma turma multiseriada. Somos duas professoras para lecionar, limpar e cozinhar. Uma professora pedagoga e uma professora para Artes e Educação Física. Atualmente sou a professora ACT – Admitido em Caráter Temporário nas referidas disciplinas. A escola possui duas salas, uma cozinha, um banheiro e um depósito, além de um amplo pátio para as crianças brincarem. Cada criança recebeu um *netbook*, porém a escola não tem acesso à internet e também não possui telefone.

Figura 3 - E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Figura 4 - E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

5.3 ANÁLISE DE DADOS: REFLEXÕES ENTRE O VISTO, OUVIDO E OBSERVADO

Procuro a partir de minha pesquisa contribuir com o ensino da arte, refletindo sua relevância como disciplina, comungando com os processos metodológicos de uma pesquisa qualitativa. Em uma pesquisa de campo, procuro analisar à luz do referencial teórico o que dizem as mães sobre tal disciplina. A pesquisa se desenvolveu através de uma oficina, comungando com a metodologia de pesquisa em espaços de narrativa.

Os espaços de narrativa têm grande importância para uma pesquisa, pois eles proporcionam um espaço de troca, ampliando a relação entre os sujeitos envolvidos na pesquisa e o pesquisador. Os sujeitos se envolvem na pesquisa fazendo parte dela.

Os espaços de narrativa acabam por se constituir também como espaços de interação dialética, que pressupõem o entrecruzamento de valores sociais, econômicos, de raça, de gênero, e que promovem conflitos que passam a ser responsáveis pela transformação social. Transformação esta que amplia olhares, que sensibiliza e desperta (HONORATO, 2008, p. 117).

Em um domingo ensolarado no período da tarde nos reunimos na escola. Cheguei mais cedo para preparar as coisas, as 14h00min horas as mães foram chegando. Para início de conversa expliquei que estava fazendo uma pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso, e que faríamos um encontro para falar, pensar e vivenciar algumas experiências sobre a disciplina de Arte, conforme roteiro disposto no apêndice A.

Após esse momento pedi para que em duplas escolhessem uma das caixas embrulhadas em papéis de presente que estavam sobre a mesa. Cada dupla escolheu uma caixa e foi tirando os objetos que estavam dentro. As mães de mostravam empolgação e alegria. Riram perguntando se eram presentes pra elas. Queriam saber o que fariam com os objetos, esperei que retirassem todos das caixas.

Então pedi para cada uma escolher um objeto que para elas fazia relação com a arte e outro que não, ou ainda, se caso todos os objetos fizessem relação, ou nenhum o fizesse, também poderiam optar. Durante a escolha elas iam pegando os objetos e falando sobre eles pensando quais iriam escolher. Elas demoraram um

pouco e comentaram que a demora não era por encontrar os objetos e sim por que estavam pensando o que falar sobre eles.

Os objetos que estavam dentro da caixa representavam todas as linguagens da arte. Por exemplo: produções em desenho realizadas por seus filhos, argila, tesoura, cola, lápis de cor, papel, maquina fotográfica, filmes, uma escultura, instrumentos musicais, cd com músicas, sapatilha de dança, máscara que representa o teatro, reproduções de algumas obras de arte etc...

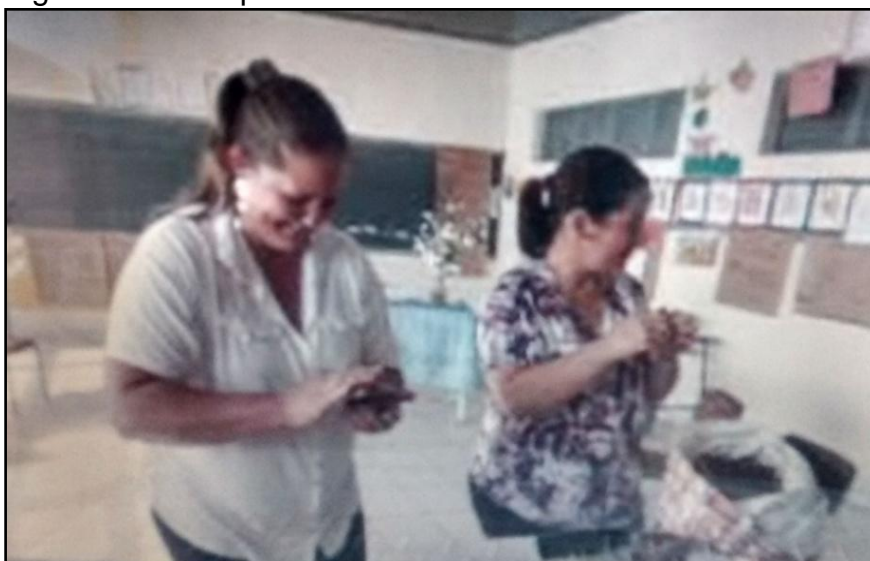
Assim fui encontrando subsídios para refletir sobre meu problema de pesquisa.

Figura 5 - Caixas.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Figura 6 - Participantes da oficina.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Figura 7 - Participantes da oficina.

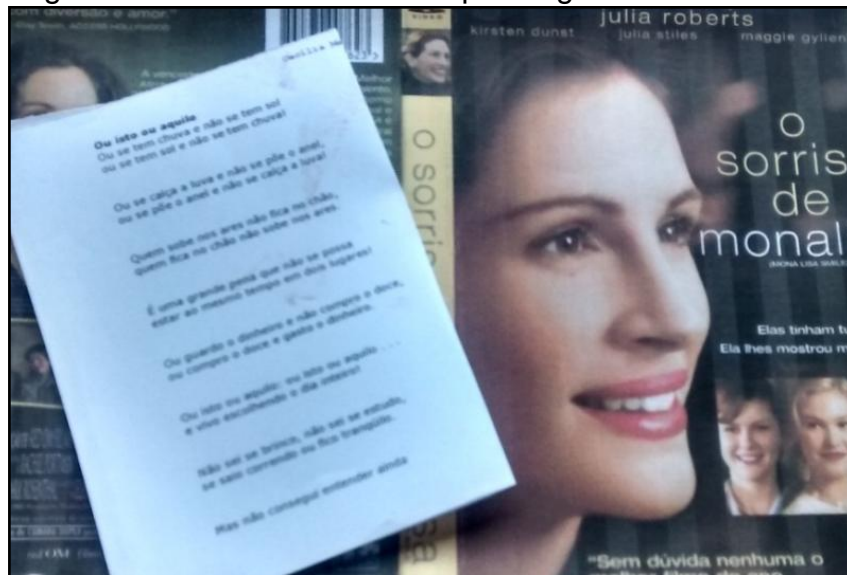


Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Após algum tempo todas escolheram os objetos e cada uma falou as razões de suas escolhas. Angelita diz que pegou um poema, pois para ela tem a ver com arte. Ela destaca, *“é uma arte recitar poemas⁸.”* Escolheu ainda o DVD de um filme e diz que *“não é muito arte, porque é mais um teatro uma coisa assim [...]”*

⁸ A fala dos participantes será evidenciada com termos em itálico e entre aspas objetivando destacar suas contribuições para a pesquisa. É importante dizer também que a transcrição das falas respeita a forma como elas falam sem a preocupação com a norma culta da Língua Portuguesa.

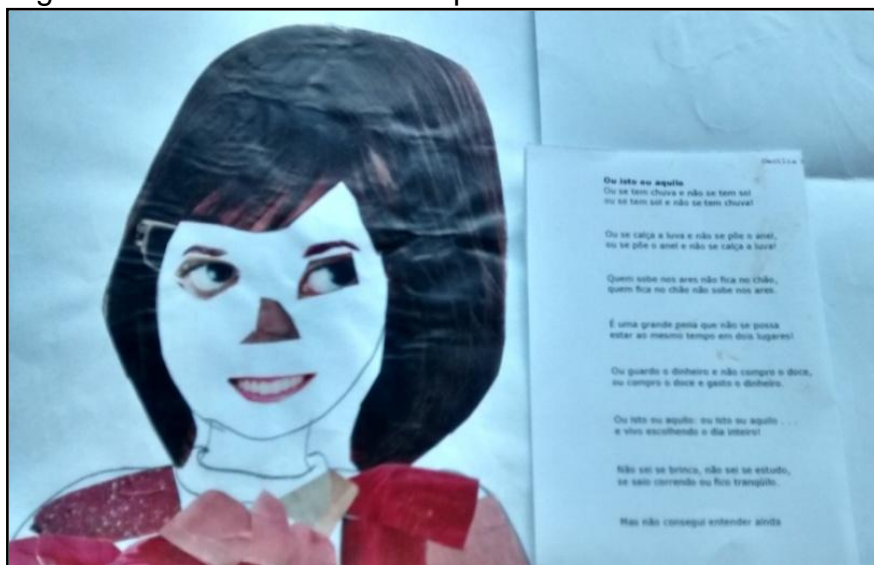
Figura 8 - Materiais escolhidos por Angelita.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Já Jociane escolheu também um poema, mas para ela não se relaciona a arte e sim apenas com a Língua Portuguesa e ressalta, “*é uma leitura de português não tem nada a ver com a arte, tem a ver com o português.*” Além do poema falou também sobre um desenho de sua filha que estava na caixa e diz que “*o desenho feito à mão, tem tudo a ver com a arte.*” Simone discorda e diz que a poesia é arte, pois é preciso inventar, criar.

Figura 9 - Materiais escolhidos por Jociane.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Podemos perceber em suas falas que existe uma carência em seus repertórios. Fato que reflete a formação escolar que tiveram, sendo que estudaram até o ensino fundamental. Há uma necessidade de ampliar o repertório para que possam conhecer as diversas formas de expressões artísticas. Para falar de repertório trago Leite (2005, p. 51):

[...] Buscar ir além na apreciação, buscar uma experiência estética significativa, relacionar aquilo que vê com o que já conhece, com seu cotidiano. Frequentar exposições amplia o repertório imagético – sonoro, visual, corporal – de todos. Independentemente de gênero, etnia, credo, classe social ou idade, é parte de sua formação, sendo assim, antes de tudo, um direito.

Simone escolheu a imagem de Leonardo Da Vinci, a Monalisa, dizendo que por ser bem conhecida já ouviu falar dela várias vezes. Escolheu ainda uma máscara, que representava o teatro alegando estranhamento, *“acho que isso não tem haver com arte, pelo menos aqui pra nós eu nunca vi [...] Eu acho que é mais uma brincadeira de criança.”*

Figura 10 - Imagem da Monalisa escolhida por Simone.



Fonte: Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Mona_Lisa.jpg>.

Figura 11 - Máscara escolhida por Simone.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2014).

Rosilei escolheu a tinta e afirmou, *“por que tudo que vai fazer em artes é usado à tinta.”* Disse ainda que tudo que estava nas caixas, para ela tinham relação com a arte. Então pergunto a ela sobre os objetos que as outras mães escolheram dizendo que não tinham relação com a arte. Rosilei faz relação com a tinta e com a máscara, escolhida por Simone e diz que para fazer aquela máscara foi usado tinta e acrescenta que *“a máscara foi feita a mão.”* Ela complementa: *“Pra mim até a música é arte.”*

Apesar de fazer esta fala de que até a música é arte, Rosilei demonstra ênfase nas Artes Visuais, mesmo quando fala sobre o teatro. Simone também dá ênfase às artes visuais escolhendo a imagem de Monalisa, e demonstra que não tem muito conhecimento em relação ao teatro. Aqui é importante destacar as múltiplas linguagens da arte. O professor deve proporcionar ao aluno o contato com as múltiplas linguagens. Não de forma fragmentada como o professor polivalente, mas sim proporcionando um ensino onde possa fazer relações entre as linguagens.

“Ao transitar por outras linguagens, o professor necessitará selecionar os conteúdos de maneira sensata, para que eles não fiquem fragmentados e distantes do objeto de estudo [...]” (SANTA CATARINA, 1998, p.194). É imprescindível que professor aborde todas as linguagens, dança, teatro, música e as artes visuais, priorizando sua área de formação, para construção do conhecimento sensível e científico.

Falando sobre teatro, Rosilei diz que *“o teatro é bom para incentivar a criança a perder a vergonha. Se começar fazer o teatro desde pequeno, quando ele crescerem eles não ficam se amarrando para fazer o teatro, uma apresentação.”*

Estes dados demonstram que a ideia de arte, para elas está bastante ligada ao fazer manual, em especial a pintura e ao desenho. Algumas até reconhecem outras linguagens, porém, os exemplos mais consistentes voltam-se a atividades plásticas e manuais. Quando falam sobre o poema parte do grupo entende ser apenas uma forma de literatura e não reconhecem literatura como arte, apenas como Língua Portuguesa.

Nas falas as mães tentam conceituar o que é arte. Conforme seus conhecimentos adquiridos durante o período escolar e durante a vida. Coli (2006, p. 111) nos traz um conceito sobre arte:

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de ‘aprendizagem’. Seu domínio é o do não racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia.

Em relação ao teatro, apontam que o mesmo serve para desinibir. Ele aparece como ferramenta, embora haja um indicativo de ser uma das manifestações de arte presentes na sociedade. As ideias aqui apresentadas, certamente fazem parte do repertório artístico-cultural de cada uma e da formação escolar que tiveram. Remeto-me ao capítulo 3 dessa pesquisa, onde destaco a importância da arte como formação cultural e estética, e que essa formação se dá com as experiências que tivemos ao longo de nossa vida. Martins (1998, p.128) contribui nesse sentido:

Supondo que nossa questão fosse: como levar as crianças a conhecer o sentido do tato? Nossa resposta imediata seria *tocando*, ou seja, colocando-as em contato direto com o sentido que se quer que elas conheçam. [...] Aprendemos a pensar sobre as coisas. Como interpretes do mundo, construímos interpretantes sobre ele. O que ‘decoramos’ ou simplesmente copiamos mecanicamente não fica em nós. É um conteúdo momentâneo, por isso conhecimento vazio que no decorrer do tempo é esquecido. Não faz parte de nossa experiência.

A partir das falas das participantes da pesquisa é possível perceber a necessidade para elas de experiências estéticas nas diversas linguagens. A partir daí compreende-se como é importante, que os professores proporcionem experiências estéticas e que elas possam ser significativas aos alunos, construindo um ser sensível apreciador e conhecedor de arte, contribuindo para o repertório artístico e cultural. Além disso, é importante que o professor, a partir de sua área de formação, faça conexões com outras linguagens da arte, contribuindo nessa construção mais integral, menos fragmentada. Na seção 4.1 falo sobre experiência estética significativa. Uma experiência estética significativa é aquela que afeta.

No capítulo 3 desta pesquisa destaco a importância de que o professor seja propositor de experiências em todas as linguagens e faça estas conexões entre as linguagens para que possa contribuir para uma formação significativa partindo dos estudos sobre visualidades e o que nos faz professores de artes visuais: o estudo da imagem nas diferentes linguagens. “Ser propositora é disparar no outro o sensível que o toca e o traz de volta na condição de ser ‘o humano existencial’ do contexto atual.” (PEREIRA, 2014, p. 25).

Após essa primeira reflexão e conceituação de arte, propus que as mães, seguissem até a mesa e que cada uma fizesse uma produção artística, representando sua cultura. No início elas ficaram em dúvida do que fazer em relação à cultura. Então expliquei que poderiam representar a cultura através do seu dia-a-dia, do que elas gostam ou fazem. Escolhendo um ou mais objetos que estavam dentro da caixa, poderiam envolver a linguagem da dança, música, teatro e as artes visuais. Após algum tempo todas terminaram suas produções. Simone diz que iria fazer com argila, pois já trabalhou em uma olaria. *“Eu fiz uma coisa que eu gosto de inventar. Participo do clube de mães, porque eu gosto de inventar essas coisas.”*

Figura 12 - Produção artística de Simone.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Jociane escolheu o desenho, representando a natureza *“eu gosto de podar flores essas coisas, gosto da natureza.”*

Figura 13 - Desenho de Jociane.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Rosilei também escolheu o desenho, representando uma bananeira, “o que eu mais faço na vida é trabalha com banana [...] É a nossa fonte de renda [...]”

Figura 14 - Desenho de Rosilei.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Angelita também recorreu ao desenho fazendo os animais que ela cuida. “É o meu trabalho do dia-a-dia, trabalhando com os animais, colhendo os ovos, tirando leite, lidando com outros bichos, isso faz parte do meu dia-a-dia e da minha cultura.”

Figura 15 - Desenho de Angelita.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Na seção 3.2 desta pesquisa trago uma citação de Pillotto que fala sobre a importância do conhecimento de outras culturas e formas de expressão sendo que a partir das experiências que a arte possibilita, podemos vivenciar e conhecer as diferentes culturas, ampliando nosso repertório e nosso senso crítico.

É importante que o aluno reconheça sua cultura, porém que esta esteja conectada com os aspectos regionais, nacionais e internacionais em uma perspectiva de multiculturalidade já que compreendo cultura no seu “amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” (TYLOR, 1871 apud LARAIA, 2004, p. 25).

De acordo com Zagonel (2008, p. 32):

A partir de sua expressão artística e cultural, um povo mostra suas características e deixa registrada sua história. Graças às pinturas realizadas nas cavernas, podemos entender melhor a vida dos homens primitivos; sem elas (pinturas), teríamos muito menos informações sobre eles.

Dessa forma as mães representaram através da arte sua cultura, e as formas de representação concentraram-se nas artes visuais, especialmente no desenho, apenas Simoni fez uma escultura com argila. Mais uma vez podemos observar que elas dão ênfase ao desenho, e as artes visuais. Não estou dizendo que é errado ou que não deveriam se expressar através das artes visuais, mas percebo que há uma necessidade de ampliação de repertório. Nestas produções as mães trouxeram o dia-a-dia de cada uma, o que fazem e o que gostam, representando sua cultura. Remeto-me ao capítulo 3.2 onde falo sobre a lei que garante o ensino da arte como obrigatório e como forma de promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Comento que precisamos ter um olhar para a nossa cultura, conhecendo-a e ampliando nosso olhar para outras culturas, ampliando nosso repertório e o nosso senso crítico, a partir do conhecimento e das experiências que a Arte nos proporciona. Falar, pensar e produzir sobre cultura nas aulas de arte é uma forma de experiência significativa, pois os alunos estarão falando de si mesmos e se reconhecendo na sociedade, também conhecendo as outras culturas. Duarte Júnior (1991, p. 37) corrobora nesse pensamento:

Cada cultura apresenta, pois, uma maneira sua, peculiar, de sentir o mundo, e de nele atuar. Cada cultura tem suas construções próprias: sua alimentação, seus costumes, sua religião, arquitetura, política, valores etc. Um fenômeno comum a todas as culturas – desde as mais “primitivas” às mais ‘civilizadas’, desde as mais antigas às mais atuais – é a arte. A arte do homem pré- histórico, inclusive, é tudo o que restou, integralmente, desses nossos antepassados. Qualquer cultura sempre produziu arte, seja em suas formas mais simples, como enfeitar o corpo com tinturas, seja nas formas mais sofisticadas, como o cinema em terceira dimensão, na nossa civilização. A arte nos acompanha desde as cavernas.

Como cito no capítulo 4.1 desta pesquisa, hoje em dia sabemos a cultura dos povos também por sua arte, por suas danças, músicas etc. Podemos dizer que através da arte representamos nossa cultura, seja na dança, música, teatro e até mesmo no desenho.

Após todas as apresentações perguntei às mães o que elas pensam sobre as aulas de Arte. Simone diz que é importante para no futuro os alunos saberem o que querem. *“Quem sabe lá se no futuro eles não vão ser desenhista algo assim né [...] um ator [...] então é bom né.”*

Angelita diz que *“a arte é uma matéria muito importante, porque se pedir para uma criança desenhar o que ela pretende ser no futuro, ali ela já vai desenhando, se ela quer ser um professor, ela vai desenhar a sala de aula. Mas as vezes ela não vai seguir isso, no decorrer do tempo ela vai querer ser outra coisa diferente, vai montar um teatro, um grupo de dança uma coisa assim, tudo é arte então eu acho que a arte é uma matéria boa e que faz parte das outras disciplinas. Através da arte eles vão desenvolvendo as ideias para desenhar e se não tem a arte vão tirar ideias de onde? Da disciplina de português? Português não é isso, português é ler escrever.”*

No capítulo 3 desta pesquisa, defendo a ideia de que a arte é importante para desenvolver a criatividade, mas não apenas isso, ela tem importância em si mesma como área de conhecimento. E nesse ponto na importância em si mesma, é que percebo nas falas das mães que a mesma não é contemplada. A arte aparece como forma de ensinar outras disciplinas, como ferramenta ou elemento para indicar o que quer ser no futuro. As mães tentam justificar a importância da arte, mas dizendo que ela é importante para aprender a matemática e o português. Pouco se fala que ela é fundamental para desenvolver a imaginação, criação, expressão como

forma de conhecimento, de cultura. Que ela tem toda uma história, conteúdos, especificidades a serem tratadas.

Segundo Pilloto (2007, p. 18) “a arte como linguagem, expressão, comunicação e produção de sentidos trata da percepção, da emoção, da imaginação, da intuição, da criação, elementos fundamentais para a construção humana.”

Angelita diz que *“arte é uma composição de outras disciplinas, por que em matemática também se faz desenhos, ali envolve a arte, então se os alunos não praticam arte como que vão fazer um desenho em matemática ou em português. Para mim uma disciplina depende da outra.”*

Embora ela utilize a arte à serviço de, aparece a ideia de interdisciplinaridade, de um currículo mais integral com os saberes relacionados. O que é muito bom, pois através de uma educação que envolve os diversos saberes, desde artes até a matemática, os alunos podem ter uma aprendizagem significativa fazendo relação entre os conteúdos, compreendendo e se envolvendo nas aulas.

Segundo Petraglia (1993, p. 31 – 32):

Entendemos, por conhecimento, o ato de compreender, relacionar e aplicar conceitos e abstrações em situações práticas. Conhecemos à medida que aprendemos a totalidade e suas partes no todo, reproduzindo-o como concretização do real no pensamento. [...] e é nesse contexto que incluímos a interdisciplinaridade como uma possibilidade de romper com as fronteiras das disciplinas, unindo, assim, as diversas áreas do saber, no sentido de melhor oferecer ao aluno a visão do todo.

Simoni destaca, *“eu acho que é difícil ensinar matemática para uma criança de cinco anos. Ai pela arte, pelo desenho ela consegue compreender a matemática. Por exemplo, desenha duas flores, duas borboletas, uma casinha então é pela arte que eles vão chegando lá.”*

Angelita relata, *“foi assim que nós aprendemos, quanto que é uma bolinha mais outra.”*

Esta fala demonstra uma experiência que tiveram durante a vida escolar e que de alguma forma foi significativa para elas, pois *“foi assim que aprendemos”* como diz Angelita. Remeto-me ao capítulo 3 quando falo sobre experiências. Se aquele momento, ou aprendizado foi realmente importante é porque tivemos uma experiência estética significativa e não apenas uma vivência. Então aprendemos por

nossas experiências, que quanto mais significativas forem, mais rico nosso repertório.

A partir dos relatos das mães podemos observar que novamente a arte é vista para complementar saberes advindos de outras matérias. As respostas das mães lembram e demonstram as influências do período em que a arte não era entendida como disciplina no currículo escolar, mas sim empregada como formação do trabalho conforme citada na pedagogia tradicional citada nos capítulos iniciais dessa pesquisa. Quando ela não era uma disciplina que fazia parte do currículo escolar, mas sim uma atividade.

Como podemos perceber nas respostas das mães a arte à serviço das outras disciplinas consideradas mais sérias e mais difíceis. Apenas em 1996 a arte compõe o currículo como disciplina obrigatória.

Remeto-me ao capítulo 3 da minha pesquisa onde falo sobre o ensino da arte e sua importância e que muitas vezes é reconhecido pelos pais, de forma reducionista, apenas como forma de diversão e lazer.

Segundo Duarte Junior (1991, p.81 e 82):

A arte continua a ser encarada, no interior da própria escola, como um mero lazer, uma distração entre as atividades 'úteis' das demais disciplinas. O próprio professor de arte é visto como 'pau pra toda obra', como um 'quebra-galho'. Frequentemente ele é obrigado a ceder suas aulas para 'aulas de reposição' de outras disciplinas, quando não lhe é delegada a incumbência de 'decorar' a escola e os 'carros-alegóricos' para festividades cívicas.

Encontro esse pensamento de aula de arte como diversão nas falas de Rosilei, *“pra criança é bom porque aí se divertem eles vão pinta, usa tinta lápis de cor eu acho que artes é uma boa aula pra eles principalmente o meu, adora arte.”*

Rosilei comenta ainda que para ela, *“a arte é mais importante para criança menor, porque através da arte eles vão aprender pra chega mais lá na frente onde é mais difícil, começa tudo primeiro mais fácil. Começa tudo pela arte com as crianças menores já com mais grandes tem que aperta mais. [...] principalmente os meus quando chegaram aqui no pré, os primeiros dias a professora desenhava e dava pra eles pinta. Depois quando eles acostumaram com ela, daí ela começou a fazer as letras e dar para eles pintar, então a arte é a mais importante de todas,*

porque é por ali que eles começam não vai se pela matemática ou outra matéria mais difícil.”

Podemos perceber nesta fala que a arte é entendida como importante na construção de conhecimento, porém se vinculada ao conhecimento da Matemática e do Português. Ela é entendida como uma disciplina mais fácil direcionada para as crianças, já para os adolescentes *“os mais grandes tem que aperta mais”* afirma Rosilei. Não estou aqui julgando, pois provavelmente foram estas as experiências que Rosilei teve em arte, no entanto concordo com os dizeres de Duarte e Júnior (1991, p. 09), quando:

Todos nós que passamos por uma escola tivemos a oportunidade (ou a obrigação) de frequentar “aulas de arte”. De uma forma ou outra forma, aquelas aulas estavam lá: espremidas entre disciplinas que em geral eram consideradas “mais serias”, ou “mais importantes”, para a nossa vida futura.

Não quero aqui elencar culpados, mas chamar a atenção para o sistema educacional e aos próprios professores de arte. Principalmente se os professores não valorizar a disciplina. Enquanto existirem professores cedendo suas aulas para reforço de outras matérias, para enfeitar a escola, oferecendo desenhos mimeografados, contribuiremos para a permanência dessa visão distorcida que a sociedade tem em relação ao ensino de arte.

E ao final da oficina mostrei um recorte do filme “O Sorriso de Monalisa”, mostrei a parte onde ela inicia sua primeira aula falando sobre os conteúdos da apostila e suas alunas já sabiam tudo, e mostrei a outra parte onde ela trás novos conteúdos e suas alunas ficam frustradas por não compreenderem. Após assistirmos pedi para que as mães comentassem sobre o que viram, dando sua opinião, sobre o que entenderam.

Pude perceber na fala de algumas mães que as formas de arte contemporâneas ou as que fogem do realismo, não são de sua preferência e para algumas não são vistas como arte. Como na fala de Angelita, *“arte é uma matéria que faz parte de uma determinada fase da escola, do pré até uma segunda série por aí ela é mais para um desenho, mas depois ela vai tendo outras explicações. A minha filha Talita estuda no sétimo ano. Estes dias ela chegou com umas coisas lá que eu perguntei isso é arte? E ela disse sim mãe são as aulas de arte. Umas coisas lá que pra mim não era arte.”*

Aqui volto a falar de experiência, podemos perceber nas falas das mães em relação à arte contemporânea, que talvez elas não tivessem experiências com esse momento da história no período escolar. Por isso suas falas mostram certo estranhamento. Comento no capítulo 3 desta pesquisa, sobre a concepção dos pais e de muitos professores e diretores de escolas, de que o desenho para ser premiado e elogiado deve ser aquele bem pintado, dentro das linhas, desenhos traçados com régua, muito bem feitinho. Neste capítulo trago uma citação de Martins que faz um relato sobre esta concepção. Falo também, que por esta razão de considerar o bonito e o certo aqueles desenhos bem pintados e traçados com régua é que muitos não compreendem a arte contemporânea, sendo que quando vêem estes tipos de obra são tomados pelo estranhamento e muitas vezes negam ser arte.

Já na seção 4.1 desta pesquisa proponho discussões sobre a apreciação estética, que ao apreciarmos uma obra de arte podemos além de vê-la, senti-la, ouvi-la, pensar e falar sobre ela. No entanto em meio a correria do dia-a-dia não olhamos as coisas apenas vemos.

Nesse sentido, mesmo não se identificando e entendendo a arte contemporânea Angelita, Jociane e Rosilei reconhecem ser arte, embora algumas vezes não gostam. A uma contradição nas falas das mães às vezes falam que não consideram a arte contemporânea como arte, outras vezes falam que é diferente, mas é arte. Angelita, *“tem coisas assim que agente não esta por dentro, então quando aparece aquilo ali temos que estar meio sintonizado porque faz parte da arte. Estes dias passou na televisão um artista plástico que fez uma banheira toda de gilete é uma demonstração, no caso uma arte. A gente não sabe explica muito bem o que é isso, mas a gente escuta e vai aprendendo alguma coisa.”* Jociane destaca, *“é diferente, não é que não é arte, mas é diferente”*. Diante destas falas pude refletir quanto à proposta de curso. Pensar uma forma de contribuir com estas mães e percebo aqui esta vontade de conhecer um pouco mais, que estão abertas a ampliar o repertório e isso é muito bom.

Rosilei comenta, *“eu acho que é uma arte”* e fala sobre o filme, *“como elas já tinham lido a apostila antes e a professora ficou sem ação, a professora encontrou um jeito então de mostrar aquilo que elas não sabiam ainda.”*

A partir destes dados remeto-me a fundamentação teórica desse texto onde falo sobre a visão das escolas aos desenhos das crianças. Que na maioria das

vezes os desenhos que conquistam maior mérito são aqueles bem feitos traçados a régua, bem pintados. Não só na escola, mas nos museus e exposições as obras abstratas, contemporâneas, modernas muitas vezes ainda encontram barreiras na compreensão sobre arte, normalmente por se tratar de outras formas de representação que fogem das imagens realistas e figurativas.

Falo também que para as pessoas que vivem num contexto onde seu olhar não é tão estimulado para a arte, que não convivem com a arte, não vão a museus, exposições. Sua visão em relação a produções contemporâneas serão de estranhamento, não compreendendo a arte contemporânea como arte. Podemos observar um exemplo disso na fala de Simone, *“tem cada coisa retorcida também que a gente olha, isso daí é arte? Que coisa esquisita, o que inspiro fazer isso aí.”*

Percebi nesta pesquisa que o olhar geral das mães em relação à arte é focado nas artes visuais. Tentam de alguma forma conceituar o que é arte. Algumas não consideram o teatro e a poesia como arte, outras reconhecem, porém os exemplos mais consistentes voltam-se ao desenho e as atividades manuais. As mães reconhecem a arte como importante, mas dão ênfase a importância da arte no auxílio a outras disciplinas. Mostram não gostar e entender as formas de arte que fogem do figurativo, algumas mesmo não gostando, reconhecem essas formas como arte.

Finalizo essa análise com o anseio de que o ensino da arte consiga ter sua valorização diante da escola, dos alunos, dos professores, dos pais, da sociedade. A lei de sua obrigatoriedade foi conquistada, mas seu espaço na escola precisa ser cotidianamente repensado, qualificado, desenvolvido. Visando contribuir na qualificação permanente desta e outras realidades, segue proposição de curso de extensão.

5.4 PROJETO DE CURSO: TURISMO CULTURAL – AMPLIANDO REPERTÓRIOS E CONSTRUINDO UM OLHAR SENSÍVEL

5.4.1 Ementa

Apreciação estética e construção de repertórios. Turismo cultural. Equipamentos culturais. Experiência estética.

5.4.2 Carga horária

18h/a.

5.4.3 Público alvo

Pais e mães de alunos matriculados na educação básica.

5.4.4 Justificativa

A arte tem um papel fundamental na educação escolar. Não apenas na vida escolar, mas também fora dela. Segundo Zagonel (2008, p. 38), “o ensino da arte não se encerra na escola, nem com relação aos conhecimentos, nem quanto às habilidades adquiridas. Ele deve ser forte e profundo o suficiente para que o leve para sua vida toda [...]”

Dessa maneira proponho esse projeto para as mães que participaram de minha pesquisa, mas também para outras mães e pais de qualquer sistema de ensino, público ou privado, uma vez que comungo do princípio de aprendemos durante toda a vida e a experiência estética faz com que nos construamos de forma mais integral e dinâmica frente às transformações da sociedade.

Nos dias de hoje as experiências significativas são cada vez menos frequentes. Somos envolvidos pelo trabalho e pela correria do dia-a-dia, que não nos permite tempo e espaço para experiências demoradas e profundas.

[...] a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. [...] A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. (BONDÍA, 2002, p. 23).

Ao realizar a oficina com essas mães pude perceber uma carência em seus repertórios em relação à arte. Talvez pela formação escolar que tiveram, ou pelo contexto cultural em que vivem. Pois o acesso a museus entre outros locais é muito difícil, não apenas pela falta de tempo, mas pela distância destes locais, sendo

que onde moram ou próximo onde moram não há museus, teatros, cinema ou outros equipamentos culturais.

Nesse sentido a partir desse projeto de curso proponho uma maneira de contribuir de forma significativa com o público envolvido proporcionando turismo cultural à cidade de Porto Alegre contemplando visitas mediadas no MARGS, Santander Cultural, Fundação Iberê Camargo e Gasômetro.

Analizando o turismo segundo o critério da motivação, aparece uma quase infinita variedade de possibilidades, que podem ser agrupadas em duas grandes divisões: o turismo motivado pela busca de atrativos naturais e o turismo motivado pela busca de atrativos culturais. Assim entende-se por turismo cultural todo deslocamento em que o principal atrativo seja algum aspecto da cultura (CHUVA; NOGUEIRA, 2012, p. 33).

Dessa forma o turismo cultural irá propiciar experiências estéticas ao público, levando ele ao encontro da arte. Estando naquele momento livre de quaisquer afazeres, abrindo-se para novas experiências. Deixando-se tocar pela arte, ampliando seus repertórios e construindo um olhar mais sensível.

Após a viagem faremos uma vivência onde refletiremos sobre a experiência vivida nos museus. Também desenvolveremos produções artísticas na linguagem das artes visuais para expressarem seus conhecimentos frente à experiência vivida nos museus. O turismo cultural possibilitará ao grupo uma aproximação da arte e uma ampliação de repertório e as vivências de produções artísticas desenvolverão um olhar estético e sensível.

5.4.5 Objetivos

5.4.5.1 Objetivo geral

Possibilitar uma aproximação da arte e ampliação de repertório de forma significativa desenvolvendo o olhar sensível e estético.

5.4.5.2 Objetivos específicos

- Realizar viagem cultural para o Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, Santander Cultural, Fundação Iberê Camargo e Gasômetro – RS;

- Aproximar os sujeitos envolvidos com a arte e os equipamentos culturais contribuindo para a ampliação do repertório;
- Refletir sobre a experiência vivida nos museus;
- Desenvolver produções artísticas que expressem seus conhecimentos frente às experiências vividas.

5.4.6 Metodologia

Encontro	Horário	Carga horária	Descrição da proposta
1º	19h às 21h	01h	Realização de reunião objetivando divulgar a proposta a partir de seus conceitos essenciais e realização das inscrições para a viagem.
2º	6h às 19h	12h	- Viagem cultural com destino a cidade de Porto Alegre; - Visita mediada ao MARGS, Santander Cultural, Fundação Iberê Camargo e Gasômetro. - Retorno;
3º	13h às 17h	4h	- Socialização da experiência que tivemos nas visitas aos museus; - Produção artística a partir da linguagem das artes visuais.

5.4.7 Referências

CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos. **Patrimônio cultural: políticas de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2012.

ZAGONEL, Bernadete. **Metodologia do ensino de artes: Arte na Educação Escolar**. Curitiba: Ibpx, 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa me fez reafirmar ainda mais a relevância do ensino da arte para a formação cultural do sujeito, proporcionando a construção de um repertório estético e um olhar sensível, inteligível. Findo a pesquisa compreendendo que o ensino da arte deve se dar a partir de experiências significativas e que o professor seja um agente propositor e pesquisador nas especificidades de sua formação indo ao encontro dos dizeres de Ferraz e Fusari (1999, p. 25):

[...] se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos conhecedores da arte e para a melhoria da qualidade da educação escolar artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte esteja presente nas aulas de Arte e se mostre significativa na vida das crianças e jovens.

Retomo o problema de minha pesquisa, que procurou investigar se a comunidade escolar da E.M.E.F Prefeito Mario Gomes Colares compreende o lugar das aulas de arte na formação cultural e estética dos alunos e com ele aponto o alcance do objetivo geral do trabalho. Para as mães participantes, a arte tem um lugar definido para a Ed. Infantil e para os Anos Iniciais, porém torna-se secundária para os segmentos seguintes, quando disciplinas hegemônicas são entendidas como mais relevantes, em especial a Língua Portuguesa e a Matemática.

No referencial teórico pude alcançar e refletir sobre alguns dos objetivos específicos traçados na pesquisa. O referencial teórico foi muito importante para minha pesquisa, pois através dele pude discutir e analisar os dados coletados no espaço de narrativa constituído como campo da pesquisa. Com ele consegui fazer relação com os objetivos, o problema de pesquisa e a análise de dados.

Um dos objetivos era discutir se é possível mudar o conceito de que arte é apenas desenhar e pintar relacionando-se apenas recreação e observar se é possível com a pesquisa promover mudanças do conceito de arte na visão dos pais. A partir do espaço de narrativa pude observar que as mães estão dispostas a ampliar o repertório e abertas a novas ideias, e para isso é preciso um trabalho contínuo além do fortalecimento da condução da disciplina de arte para as crianças e adolescentes objetivando gerações com um repertório mais amplo e diversificado.

A pesquisa aponta ainda que a arte precisa ser vista com um olhar mais sensível e inteligível por professores, alunos e comunidade escolar. Através das respostas das mães percebi que as mesmas almejam conhecer mais sobre arte e cultura, para que possam compreendê-la como significativa e necessária para a formação humana.

As falas de algumas mães sinalizam para a arte à serviço de outras disciplinas, não que seja ruim, pois as relações são fundamentais para a construção do conhecimento dos educandos, porém é necessário que a arte seja importante por si mesma enquanto área de conhecimento. Também encontro nas respostas das mães resquícios reducionistas, relacionando-a a uma disciplina mais fácil, ligada a diversão e recreação.

É fundamental desenvolvermos permanentemente um olhar mais sensível, e inteligível sobre a arte enquanto patrimônio cultural da humanidade. É muito importante que o professor de arte conheça as especificidades da área para que possa possibilitar momentos de fruição a seus alunos. Proporcionar um ensino que envolva o aluno e que ele sinta-se motivado a comentar essas experiências com seus pais, amigos e familiares. Dessa forma é importante que o professor chame constantemente os pais para participar do cotidiano da escola, aproximando a escola e a comunidade.

Finalizo a pesquisa não com a ideia de apontar culpados, muito menos esgotar as possibilidades de discussão. Comprometendo-se com uma proposta de curso que pretende uma possível ampliação de repertório e construção do olhar sensível dos envolvidos nessa pesquisa buscando novas significações em relação à arte.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. Perda da capacidade expressiva e possibilidade de reencantamento. Pensando as Artes Visuais na Educação. In: DIAS, Adriana Rodrigues; GONÇALVES, Tatiana Fecchio. (Orgs.). **Entre linhas, formas e cores: Arte na Escola**. Campinas: Papirus, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. 2002. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19 - Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2014.

BRASIL. **Lei n. 9.394**. De 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: D.O.U, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso em: 10 set. 2014.

CAMPOS, Neide Pelaez. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

CATTANI, Iclea B. Arte contemporânea: O lugar as pesquisa. In: BRITTES, Bianca; TESSLER, Edida. **O meio como zero: metodologia de pesquisa em artes plástica**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGG, 2002.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2005.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas, SP: Papirus, 1991.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

FUSARI, Maria F. de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1998.

HONORATO, de Souza Aurélia Regina. A formação de professores (re) significada nos espaços de narrativa. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. (org.). **Educação e Arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

JACINTO MACHADO, Secretaria de Educação, Cultura e Esporte. Departamento de Cultura. **Jacinto Machado: Capital da Banana**. Jacinto Machado, 2011.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as linguagens artístico-culturais: processos de apropriação/fruição e de produção/ criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. (org.). **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papirus, 2008

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com arte**. Campinas SP: Papirus, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir, e conhecer a arte**. São Paulo: FTD, 1998

NARDIN, Heliana Ometto; FERRARO, Mara Rosângela. Artes visuais na contemporaneidade: Marcando presença na escola. In: FERREIRA, Sueli. (org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

NORMAS. **Normas para elaboração e apresentação de TCC do curso de Artes Visuais - Licenciatura**. Criciúma, 2010.

PEREIRA, Rita de Cássia Soares de Oliveira Sannazzaro. **Experiências poéticas em sala de aula: as potencialidades do educador e do educando no ensino da arte**. Ribeirão Preto, 2014.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Interdisciplinaridade: o cultivo do professor**. São Paulo: Pioneira, 1993.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e releitura. In: PILLAR, Analice Dutra. (Org). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **A arte e seu ensino na contemporaneidade**. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho. (Org). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008.

_____. **Linguagens da arte na infância**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2007.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. **Manual prático de metodologia da pesquisa: artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese**. Blumenau: Acadêmica, 2003.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TIBURI, Márcia. **Aprender a pensar é descobrir o olhar**. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69332>>. Artigo originalmente publicado pelo Jornal do Margs, edição 103 (setembro/outubro) de 2012. Acesso em: 27 set. 2014.

_____. **Relações estéticas**. Disponível em: <<http://www.marciatiburi.com.br/textos/relacoesesteticas.htm>>. Publicado em Vida Simples em 2008. Acesso em: 27 set. 2014.

ZAGONEL, Bernadete. **Metodologia do ensino de artes**: Arte na Educação Escolar. Curitiba: Ibpex, 2008.

APÊNDICE (S)

APÊNDICE A – ROTEIRO DE OFICINA (COLETA DE DADOS EM ESPAÇO DE NARRATIVA)

IDENTIFICAÇÃO

Acadêmica Pesquisadora: Tanya Ribeiro Schaukoski

Professor Orientador: Prof. Marcelo Feldhaus

Problema de Pesquisa: A comunidade escolar da E.M.E.F. Mario Gomes Colares compreende o lugar das aulas de Artes na formação cultural e estética dos alunos?

Data de realização: 21/09/2014

Local de realização: E.M.E.F. Prefeito Mario Gomes Colares

Carga horária: 3h

Objetivo geral: Investigar se a comunidade escolar de E.M.E.F. Mario Gomes Colares compreendem o lugar das aulas de Artes na aprendizagem dos alunos como formação cultural e estética.

METODOLOGIA

A oficina foi desenvolvida na E.M.E.F. Prefeito Mario Gomes Colares e envolverá os pais dos alunos dessa escola. Ocorrerá em um domingo à tarde, com início às 14h. Inicialmente visitei a Secretaria de Educação do município apresentando minha pesquisa e solicitando autorização (Termo de Consentimento) da rede para utilização da escola como campo de pesquisa.

Dias antes da pesquisa encaminharei um convite aos pais mobilizando-os a participar da oficina.

No dia de desenvolvimento da proposta, iniciarei explicando aos pais que esta oficina faz parte de minha pesquisa de conclusão de curso e se propõe a discutir questões relativas ao ensino da arte. Agradecerei a presença ressaltando o quanto é importante a participação de todos na proposta.

Darei início a oficina oferecendo um presente a cada participante. Pedirei que abram este presente, dentro dele terão varias coisas relacionadas a arte e suas linguagens.

Por exemplo: produções em desenho realizadas por seus filhos, argila, tesoura, cola, lápis de cor, papel, maquina fotografica, filmes, uma escultura, instrumentos musicais, cd com músicas, sapatilha de dança, máscara que representa o teatro, reproduções de algumas obras de arte etc...

Então pedirei que cada um escolha um objeto que consideram que tenha relação com a arte. E outro que considera que não tenha, ou não conhece e em seguida explique as razões das escolhas.

Após, provocarei algumas reflexões não apenas com as artes visuais, mas também em relação a dança, ao teatro, a música. Ouvirei os participantes, suas falas, seus fazeres, seus gestos, estimulando a fala espontânea. A cada objeto, uma nova provocação para que aproximem-se do universo da arte.

Em seguida irei propor que façam em pequenos grupos uma composição artística utilizando todos os materiais que estavam dentro dos presentes. Para isso podem envolver a linguagem da dança, música, teatro e as artes visuais, cinema, fotografia. Os grupos devem escolher formas de representação para utilização dos objetos.

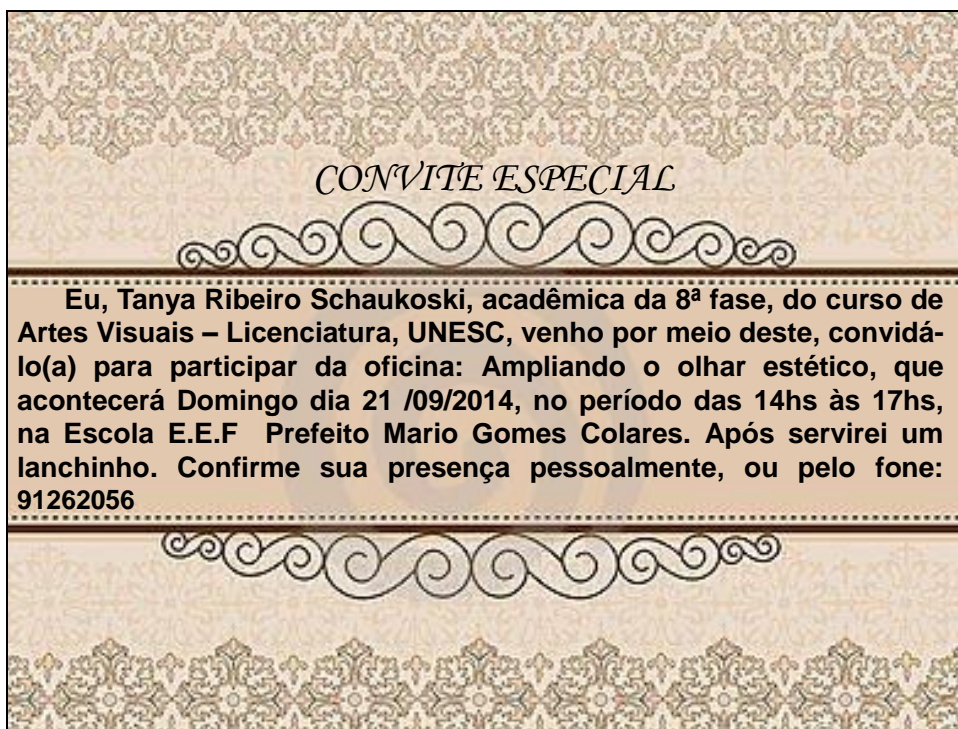
Darei algum tempo para os grupos se organizarem. Após será a apresentação de cada grupo. Perguntarei a eles se é possível representar nossa cultura através da arte. Se é importante o conhecimento de todas estas linguagens. Consideram-se importante que seus filhos conheçam e aprendam arte. Como eram suas aulas de Arte, se sentem falta de não terem aprendido estas outras linguagens ou é indiferente em suas vidas ter o conhecimento das artes.

Para finalizar mostrarei partes do filme 'O sorriso de Monalisa', mostrarei a parte onde ela inicia sua primeira aula falando sobre os conteúdos da apostila e suas alunas já sabiam tudo, e mostrarei a outra parte onde ela trás novos conteúdos e suas alunas ficam frustradas por não compreenderem. A partir deste filme farei algumas perguntas e formando um debate.

Após irei agradecer a participação e os convidarei para um café.

Todas as proposições serão registradas em vídeo e após a realização da oficina solicitarei que preencham os termos de autorização para uso de escrita e imagem.

APÊNDICE B – CONVITE PARA A OFICINA



ANEXO (S)

ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DE USO DE FALAS E IMAGENS

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____
portador do RG _____ (nº da identidade), autorizo a utilização das minhas falas, escritas e imagens. Afirmo ainda estar ciente que os dados fornecidos serão utilizados na pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de Tanya Ribeiro Schaukoski acadêmico (a) da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo Investigar se a comunidade escolar de E.M.E.F Prefeito Mário Gomes Colares compreendem o lugar das aulas de Artes na aprendizagem dos alunos como formação cultural e estética.

Atenciosamente,

Assinatura do aluno/pai e/ou responsável

Jacinto Machado, setembro de 2014

ANEXO B – TERMO DE CONCENTIMENTO**TERMO DE CONSENTIMENTO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE**

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O QUE DIZEM OS PAIS DA E.E.F PREFEITO MARIO GOMES COLARES SOBRE O ENSINO DA ARTE.**

O(a) sr(a): VALMIR POSSAMAI Secretário da SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CULTURA E ESPORTE – JACINTO MACHADO foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto na **E.E.F PREFEITO MARIO GOMES COLARES** estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos Investigar se a comunidade escolar de E.E.F. Mario Gomes Colares compreendem o lugar das aulas de Artes na aprendizagem dos alunos como formação cultural e estética.

Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a unidade escolar no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica TANYA RIBEIRO SCHAUKOSKI telefone: 91262056 da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pelo professor Marcelo Feldhaus (Telefone: 34312564).

Criciúma (SC) 10 de Setembro de 2014.

Assinatura do Responsável pela Unidade Escolar e/ou Instituição


Valmir Possamai
Secretário Municipal de
Educação, Cultura e Esportes